O ROMANCE
DA
RAINHA MERCEDES

PORTO—TYP. OCCIDENTAL—PICARIA, 54.

A. PIMENTEL

O ROMANCE

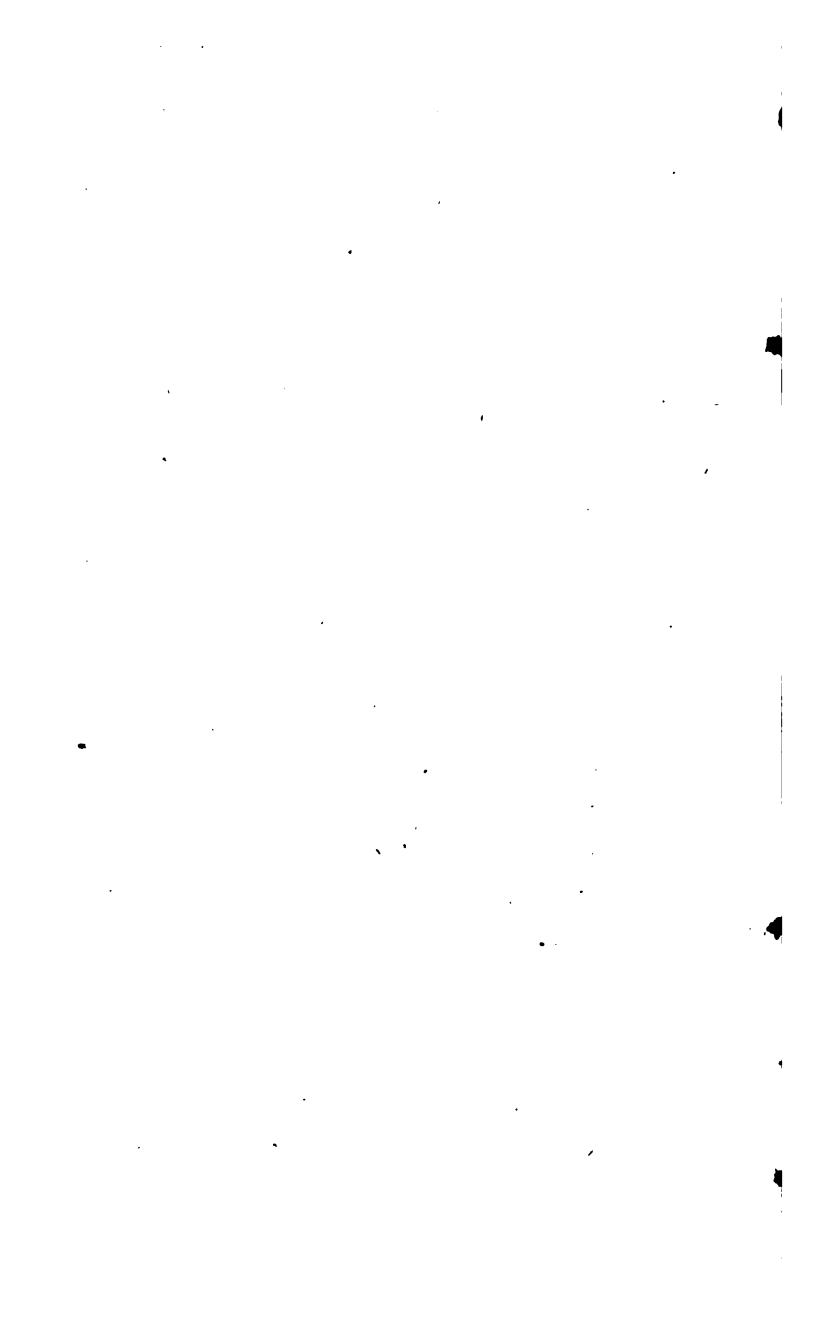
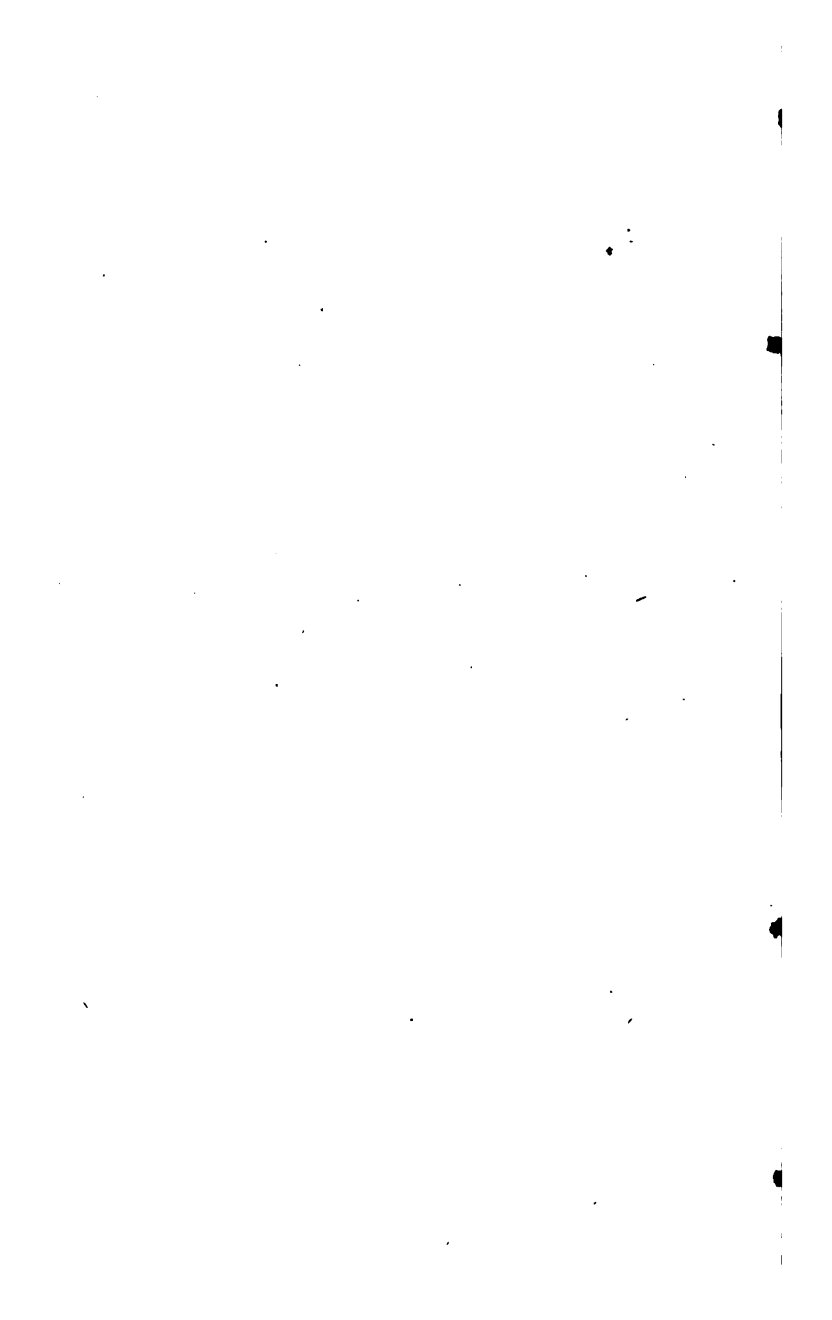
DA

RAINHA MERCEDES

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE — EDITORA
121 — Rua do Almada — 123

1879

... et erunt duo in carne una

GENESIS, cap. II, v. 21.

OS REIS

I

OS REIS

Que secreto mobil determina as evoluções da humanidade atravez dos tempos? Que mysteriosa lei regula os destinos das sociedades no discorrer dos seculos? Eis o grande problema que ha duzentos annos preoccupa o espirito humano. É a Providencia: diz Bossuet. As nações teem uma natureza commum; a humanidade é obra de si mesma: sustenta Giambattista Vico. É a influencia do clima: propõe Montesquieu. É a fatalidade cega: proclama Voltaire. É Sua Magestade o Acaso: teima Frederico II. É a situação geographica: aventa, por sua vez, Herder, o philosopho allemão. E todavia o problema ainda não está resolvido, a grande duvida permanece não

obstante os incontestaveis progressos da philosophia cada vez mais pejada de systemas...

Os acontecimentos succedem-se n'uma variedade caprichosa, que parece intencionalmente destinada a desorientar os philosophos da humanidade e da historia.

Hontem os reis eram personalidades sagradas, representavam na terra o poder divino. D'esta alliança do céo com o throno nasceu a coroa encimada pela cruz. O montante real estava ao serviço da religião; dizimava, como um vendaval de morte, os exercitos dos que não tinhàm a mesma crença religiosa. Beijava-se a mão dos reis como ainda hoje se beija a fimbria do vestido de uma santa. Elles eram recebidos, por toda a parte, debaixo do pallio, como uma reliquia. Os que os viam, ajoelhavam, como se faz para orar.

Hoje... Hoje os reis, no mesmo dia em que sobem ao throno, sonham com a via dolorosa do exilio. Sobre os almadraques do aposento real estão os preparativos indispensaveis para a jornada do desterro: o bordão do peregrino, e o chapeu do romeiro. No meio dos saraus da côrte ou nas horas silenciosas da meditação, elles ouvem, como um rumor sinistro, como uma voz presaga, o echo da revolução que se aproxima, como uma onda enorme, amea-

çadora. Olhando para seus filhos, estremecem de horror, porque se lembram de que talvez um dia aquellas mimosas creanças terão de sentar-se á mesa do sapateiro Simão. Muitas vezes, contemplando o perfil melancolico da mulher que com elles comparte os cuidados da realesa, julgarão talvez que ella está já sob a pressão de uma loucura saudosa, como a viuva de Maximiliano. Um dia, d'entre o povo que outr'ora òs abençoava, ergue-se um braço regicida, o de Hœdel ou de Nobiling, de Moucosi ou Passavante. Até a vida dos reis principia a ser disputada nos clubs secretos, como se fosse de uma fera. As arvores das alamedas publicas sacodem ao vento umas folhas crestadas e crivadas, como na *Avenida das tillias;* passou por ellas o fogo que devia fulminar o rei. Transformação completa!

Cesar Cantu deu por base á Historia as ruinas. Assim é com effeito. Esta pyramide, que memóra os seculos, e que se chama a Historia, é feita d'escombros. Á hora em que desabam os thronos, sobram portanto os materiaes para historiar, a não ser que alguem os queira aproveitar para levantar cadafalsos como no tempo de Luiz XVI.

Nós temos pelos reis, n'esta hora tão açoitada de paixões politicas, um respeito

melancolico, uma consideração dolorida. Vêmos n'elles, desde que nascem, os escravos de uma coroa. Muitas vezes quizeramos repartir com elles a nossa obscura liberdade de fallar, de trabalhar, de viver. Desejavamos dar-lhes o nosso direito de se desafrontarem pela penna, pela palavra, pela espada. Folgavamos de lhes poder pôr no peito um coração para amar, para eleger esposa, como todos nós fazemos — menos elles. Depois, quando os vêmos partir para o exilio, já velhos como Napoleão III, ainda creanças como Affonso XII, assistimos pela imaginação aos mais intimos episodios da vida de familia, que para elles deve de ter ao mesmo tempo o encanto da surpresa e o travor da amargura, o que faz com que nem no exilio sejam inteiramente felizes os reis.

Affonso XII offerece, na historia das monarchias modernas, um exemplo notavel: principiou por onde os outros acabam, — pelo exilio. Conheceu-o, sendo ainda principe. O seu coração formou-se lentamente na saudade confusa da patria, e no habito de ouvir pronunciar a palavra — destêrro. Ao passo que os mais obscuros collegiaes da provincia fallavam, no collegio de Theresianaw, em Vienna, nos bosques e nos campos da sua terra natal, o filho da que havia sido rainha de Hespa-

nha olhava melancolicamente para as arvores que a Austria lhe emprestava por compaixão, e não tinha siquer uma recordação da infancia para acrescentar áquelle poema de saudade que os seus condiscipulos estavam devaneiando.

Mas o principesinho hespanhol pôde, sem o suspeitar decerto, tirar do exilio um grande ensinamento: que um rei deve preparar-se para o exilio. Como? Obstinando-se em amar livremente. Escolhendo noiva, em vez de acceitar a que lhe escolheram. Procurando uma mulher que, pelo amor, possa supprir a patria, quando a rainha desappareça.

Por isso, depois que o golpe de estado de Martinez Campos o chamou ao throno onde porventura encontraria ainda alguma pallida flôr desprendida das tranças de uma bella italiana, a rainha Maria Victoria, e quando de repente, no meio das pompas da acclamação, cuidou lêr mais uma vez n'essa flôr desbotada a triste verdade da instabilidade das monarchias modernas, Affonso XII lembrou-se de que se devia preparar para o exilio, sem mesmo poder ter a certeza de que as petalas que encontrava esparsas sobre o throno de Hespanha fossem os despojos de uma grinalda da princeza de Aosta ou da rainha Izabel, sua mãe...

Desde esse momento a imagem adorada de Mercedes, a neta de um rei desthronado, fixou-se no seu coração. A imaginação peninsular do rei idealisou a desgraça do exilio, como se nunca a houvesse conhecido, tendo aquella mulher ao pé de si. Com ella, levaria a familia, para onde quer que fosse, e a patria, porque ella tambem era hespanhola. Então principiou a desdobrar-se aos olhos da Europa o formoso poema da resurreição dos grandes amores antigos e cavalheirescos.

Como nos romances da idade media, o braço descarnado da morte imprimiu n'esse poema escripto em folhas de rosa o sêllo de uma fatalidade mysteriosa, extranha. O lucto da viuvez envolveu de repente o throno de Hespanha e o coração do rei amantissimo.

É a historia d'esse grande amor e d'essa grande fatalidade o que nós intitulamos, aproveitando o doloroso colorido dos factos, *O romance da rainha Mercedes*.

ELLE

II

ELLE

O rei de Hespanha faz lembrar estas plantas mimosas que, nascendo no topo de um outeiro batido dos ventos, se tornam fortes. Creado nos regalos da côrte, educado sob a influencia da tradição religiosa do seu paiz, parecia unicamente destinado a ser algum dia um simples rei catholico e constitucional, como os seus antecessores. Como elles, seguindo as praxes da primogenitura, depôz o seu vestido branco no altar da Virgem da Atocha, e vestiu um uniforme militar para cumprir o velho estylo tradicional, que, desde os primeiros annos da existencia, rouba toda a originalidade, annulla todas as disposições naturaes aos principes destinados ao throno.

principe que tivesse de occupar um throno! Ao pé do alumno fidalgo, o alumno burguez: ao pé do pergaminho, a riquesa; o alumno estudioso ao pé do alumno madraço: a força ao pé da inercia; o alumno intelligente ao pé do alumno estupido: a gloria ao pé da indifferença. Cada classe e cada genio equivalia a uma nova lição, porque, por mais estupida que seja uma creança, ella sabe sempre encontrar argumentos para desculpar o estado do seu espirito. «Não sou eu que não aprendo; é o professor que ensina mal; são os livros que não prestam.» O joven filho da rainha exilada habituou-se, portanto, a conhecer as individualidades atravez de todos os veus. Estudou os homens nos homens, o que é muito differente de estudal-os nos cortezãos, que são uma contrafacção. Não aprendeu exclusivamente para rei; aprendeu a sciencia da vida, praticamente, como se fosse um simples vassallo, p[illegible] throno era para elle uma coisa mui[illegible]...

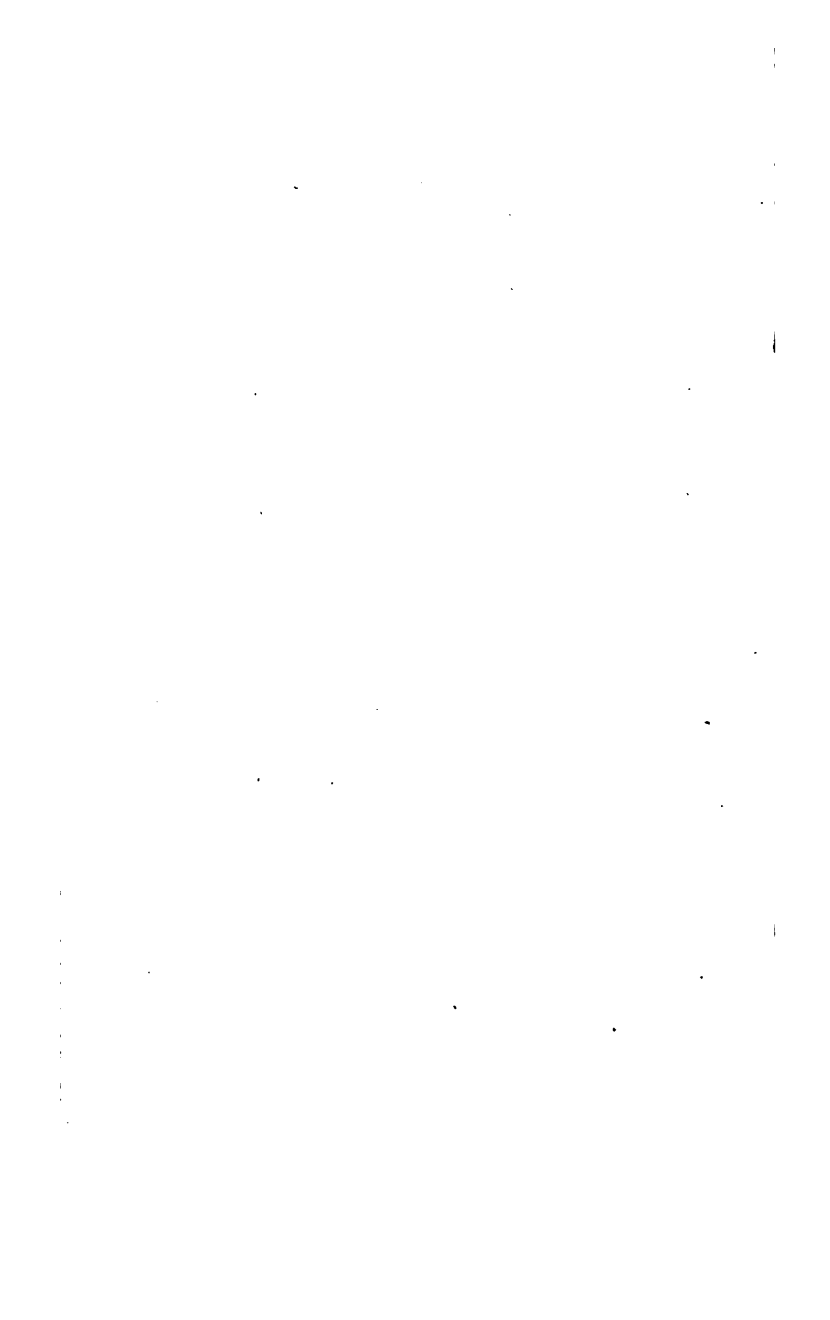
Foi assim que os venda[illegible]lio fortaleceram a planta mimosa[illegible]s-cêra principe fizera-se homem.[illegible]-tanto, razão o duque de Miran[illegible] photographou Affonso XII com[illegible]ples phrase: *É um homem.*

O maior elogio dos reis est[illegible]mente em serem homens. Assim

arrojou sua mãe. Não viajou como um principe, como o futuro rei de Hespanha, sob as vistas de aulicos vigilantes e aduladores. Era então um simples particular, uma creança que podia vêr e ouvir, meditar e fallar, viver, n'uma palavra. Passando de paiz em paiz, esteve n'um collegio de França, depois n'outro de Vienna, por ultimo no de Sandhurst, em Inglaterra. Tratou de perto, deixem-me assim dizer, muitas ideias differentes, porque é forçoso convir em que as ideias da França não são precisamente como as da Austria, e as da Austria justamente como as da Inglaterra. A natureza, variando de contornos de paiz para paiz, varía tambem a sua lição. As creanças, que são, no fundo, a mais completa manifestação da natureza, porque são a natureza n'um estado de puresa immaculada, como que impregnam quem as conversa do espirito das nacionalidades que representam, sobretudo se quem as conversa é igualmente creança, porque n'esse caso a sua alma recebe profundamente as impressões, que ficam gravadas como caracteres alphabeticos sobre uma camada de cera. Ora o moço Affonso, em qualquer dos tres collegios, viveu sempre entre creanças, que não só representavam ideias differentes, mas tambem genios e classes differentes. Magnifica lição para qualquer

que principía a sel-o, precisa de se entregar cegamente ao destino. Mas, logo que desembarcou em solo hespanhol para tomar o caminho de ferro de Madrid, em vez de uma chuva de flores, esperava-o uma chuva de balas. O desespero carlista queria enviar a D. Affonso XII uma saudação de morte. Mas o rei passou impunemente, e o carlismo continuou a debater-se nas vascas da agonia. Era uma serpente que se revolvia entre chammas.

Então a Hespanha viu sobre o throno um rei profundamente hespanhol—no animo e na physionomia. Um dextro *torero*, um valente caçador, um cavalleiro eximio. Figura esbelta, *salerosa*, rosto moreno, cabellos pretos, bocca expressiva, dentes alvissimos. Um adolescente de *serenata*, um trovador de vinte annos sobre um throno de seculos.

Para completar o typo peninsular, um coração amante. Toda a vida de um hespanhol está no amor ou no ciume. O rei amava. Facto verdadeiramente extraordinario e ousado: um rei amar! Para um principe de vinte annos, uma princeza de dezesete. Mercedes, sua prima, era uma creança idealisada pela formosura. O rei amava-a em segredo, com um culto sagrado. Adorava-a.

ELLA

III

ELLA

A princeza Maria de las Mercedes, filha do duque de Montpensier, Antonio de Orleans, e da infanta hespanhola Maria Luiza, irmã de Izabel II, realisava, pelo nascimento, uma seductora consubstanciação, o enlace de duas fascinações. Por seu pae, francesa, por sua mãe, hespanhola, ella reunia em si as duas nacionalidades que maior relevo dão aos encantos femininos. Juntai a graça francesa ao *salero* hespanhol, a alegria da França á vivacidade da Hespanha, juntai Pariz a Madrid, e tereis uma figura encantadora: Mercedes.

Ide aos *parterres* das Tulherias, que foi um jardim de principes, colhei uma rosa d'aquellas com que outr'ora a impera-

triz Eugenia enflorava os seus bellos cabellos, e deponde-a sobre uma fina jarra de Triana n'um palacio de Sevilha: havereis conseguido copiar a graciosa individualidade de Mercedes.

A França e a Hespanha começaram a disputar, á beira do berço da princeza, o direito de lhe conceder dons. Dou-lhe um raio de sol para os cabellos, disse a França. E eu os reflexos sombrios do azeviche, accrescentou a Hespanha. E da reunião d'estas duas dádivas nasceu a côr das tranças castanho-claras de Mercedes. Tratou-se de colorir-lhe as faces. Que façam inveja á perola, disse a França. Sim, mas os olhos pertencem-me, replicou a Hespanha; eu quero que os olhos sejam hespanhoes. Faces côr de mate; os olhos como os de Affonso, côr de noz. Era preciso animar a bella estatua. A França chamou Pariz, e disse-lhe: Derrama sobre o corpo d'essa gentil princeza as ondas d'esse flúido mysterioso a que em toda a parte se chama — a graça pariziense. A Hespanha chamou Madrid e disse-lhe: Temos n'uma só mulher uma princeza e uma hespanhola; extrae a mais fina essencia do teu *salero* e concede-lh'a. Animada a formosa esculptura, disse a França: Pertence-me; é neta de um rei francez. Perdão, contestou a Hespanha, é neta de um rei hespanhol.

Quanto a educação, Mercedes havia sido creada como seu primo: no meio da sociedade. Os habitos democraticos de Luiz Filippe fizeram impressão em França; o rei quiz que seus filhos frequentassem as escholas publicas. D. Antonio de Orleans seguiu, n'este ponto, a tradição paterna. Como seu primo, Mercedes foi uma simples collegial. Usava, como as outras creanças, chapeu de palha com grandes abas, vestidos curtos, botinas sem saltos. Como as suas condiscipulas, associava-se ás pequenas rebelliões de classe; como as outras, soffria castigos, os enormes castigos femininos, passeiar meia hora n'um corredor, para que quem passasse a visse... Tambem como as outras, ou talvez mais do que as outras, brincava no *recreio*. Faltava ás suas companheiras a vivacidade hespanhola que a animava a ella, a pujança com que annos depois havia de fatigar ao *crocket* um dos mais destros jogadores, o duque de Baños. N'outra coisa se distinguia ainda: tratavam-n'a por *madame*. Achou a superintendente do collegio que seria desarrasoado chamar menina a uma princeza, e princeza a uma menina. Cortou-se o nó gordio dando-lhe um tratamento que representasse uma certa superioridade moral: *madame*. Os quatorze annos da princesa, que os

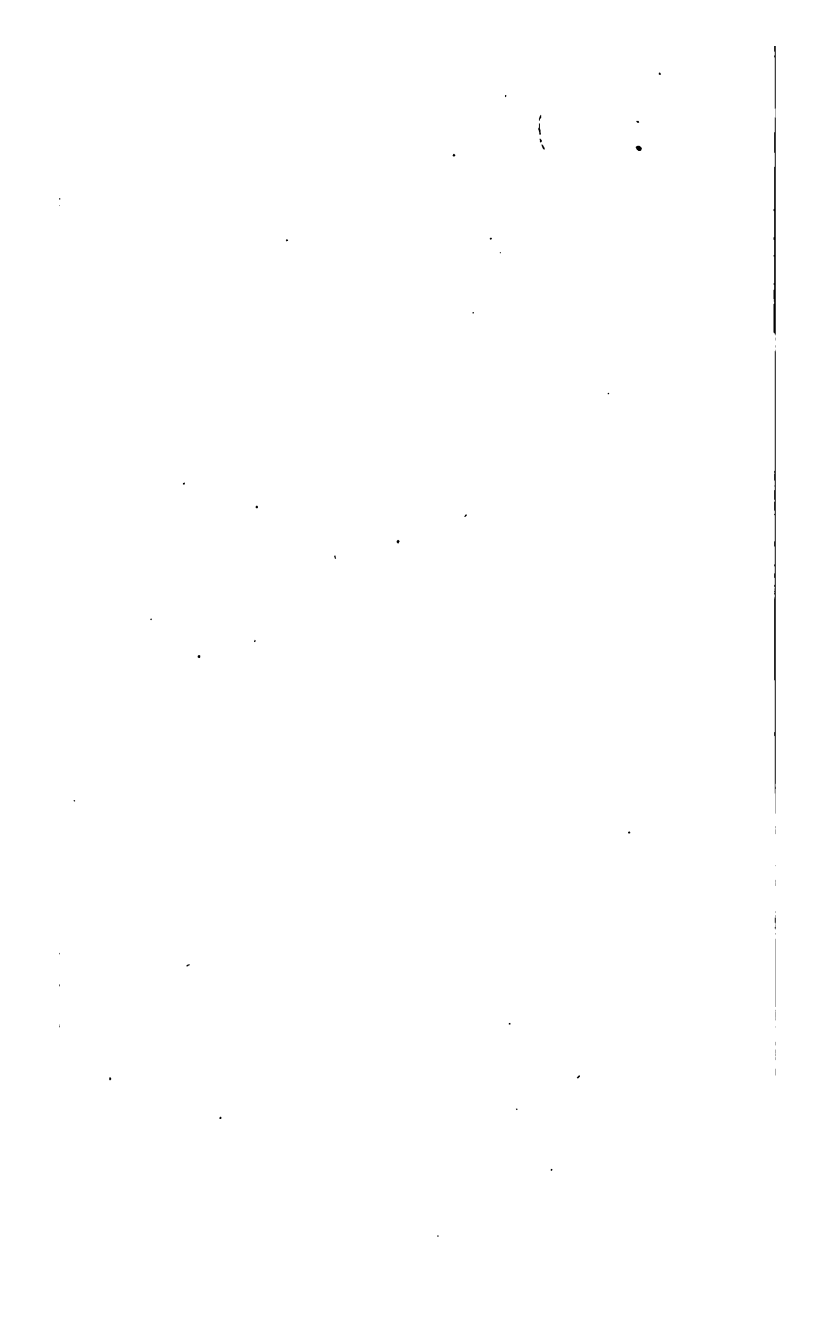
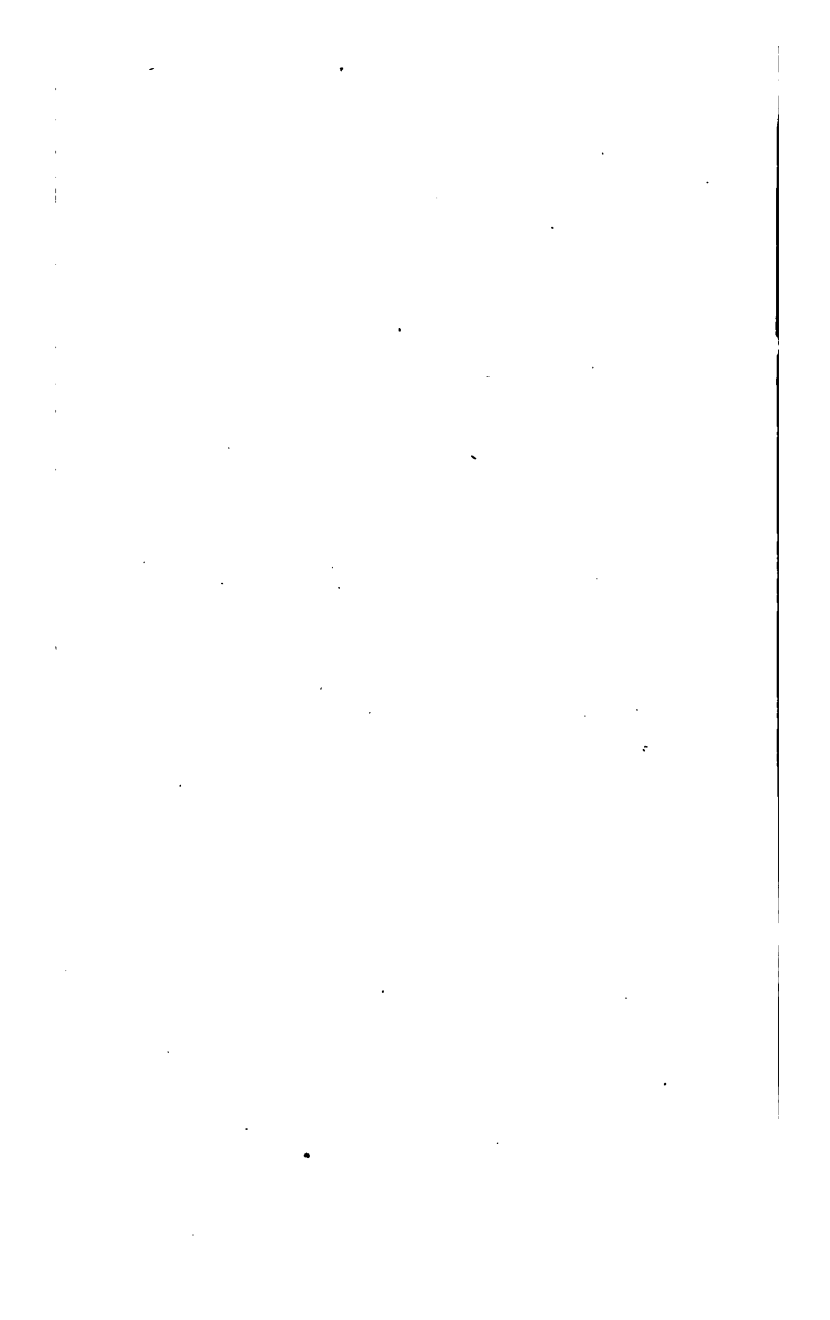
tinha então, riam-se alegremente por entre as velhas arvores da cerca, quando ouviam gritar: *Madame!*

Mas o que é certo é que *madame* atravessando o collegio, como o principe das Asturias, adquiriu o conhecimento pratico da sociedade, aprendeu principalmente o valor que teem as lagrimas, porque as chorou nas horas de correcção ou de saudade pela sua familia, em particular por seu primo, e porque as viu chorar em circumstancias identicas. Ora uma boa rainha, para que não deixe de amparar os desgraçados, precisa de saber quanto custa o chorar. Tambem o collegio lhe deu por ventura uma exacta comprehensão do amor. Quasi todas as collegiaes tinham um primo ausente, idealisado pela saudade da terra natal e do tecto paterno; um companheiro de jogos infantis, um Paulo que, por sua vez, pensava áquella mesma hora em Virginia... Por elle choravam, fallavam d'elle baixinho, umas com outras. N'essas horas de intimidade desapparecia a *madame.* «Ó Mercedes, tu tambem tens um primo da tua idade...» «Tenho». E córava, e sorria.

Era o principe das Asturias.

De repente apparecia a preceptora. Então as dissimuladas confidentes modificavam-se: *Madame* d'aqui; *madame* d'alli.

E a gentil *madame* de vestidos curtos afugentava com uma alegre risada sonora a lembrança saudosa do nobre priminho, e agitava os seus pequenos braços para suster na queda uma folha solta que vinha descendo do arvoredo, ou para cortar o vôo a uma borboleta iriada.

Quando o duque de Montpensier residiu em Lisboa, Mercedes, com suas irmãs, continuou a viver na sociedade, que era a primeira de Portugal, a gozar, no meio das regalias fidalgas, a desoppressão das etiquetas cortezãs. Ao mesmo tempo ía estudando o mundo atravez da sua ventarola sevilhana. E quem sabe? quem sabe se este céo de Portugal, este bello céo que é naturalmente quem nos faz amorosos, tão amorosos que até no extrangeiro temos fama de o ser, quem sabe se elle não emprestou para os idyllios de Mercedes os seus reflexos azues e as suas aureas radiações, se elle não contribuiu para divinisar na alma da gentil princesazinha a imagem adorada de seu primo?!

O AMOR

IV

O AMOR

A diplomacia moderna annullou o coração dos reis. Não é o amor a base das familias reaes; a diplomacia aconselha os principes reinantes a procurarem esposa segundo as conveniencias da politica internacional. Todo o homem tem o direito de escolher a mulher que mais o captivou pelos encantos ardentes da formosura ou pela serena attracção da virtude; de preparar o seu ninho conjugal com a dôce phantasia de quem estivesse alfaiando um templosinho para uma divindade adorada; de antegostar pela imaginação as delicias de uma vida cheia de remanço e conforto, chilreada de palavras meigas, estrellejada com os reflexos luminosos dos sorrisos leaes e honestos; quer dizer, todos podem conquis-

tar pela familia a immortalidade do coração, reviver pelo amor no futuro dos filhos idolatrados, todos — menos os reis. O que se exige dos monarchas não é, em primeiro logar, que constituam familia, é que constituam dynastia; em segundo logar o que se exige não é que simplesmente pensem na familia a que vão dar origem, mas que ponderem reflectidamente se a familia a que a princeza escolhida pertence reune as condições de riquesa e poderio que, segundo a politica, convém ter em vista. De modo que um rei não desposa uma mulher; casa com uma nação. Não é uma alliança individual; é uma alliança internacional. Depois que a diplomacia intendeu nos casamentos dos reis, são vulgares na historia de todos os povos os tristes romances em que as rainhas dissolutas perturbam a vida de uma nação inteira por um capricho do coração, sedento de amar. Dos casamentos diplomaticos resultam escandalos tamanhos como aquelle a que Portugal assistiu no tempo de Affonso VI. Ora os exemplos são tanto mais prejudiciaes quanto mais d'alto partem; parecem-se n'isto com as torrentes: quanto maior é o despenho, tanto maior é o impeto da agua. Os escandalos que se exhibem nos thronos teem um publico numeroso, a nação. Portanto, contaminam muita gente.

No velho codigo indiano de Manú, os casamentos de inclinação são chamados da *musica celeste.* N'esses casamentos de Deus, como diz ainda o nosso povo, ha com effeito uma harmonia santa, celeste. Sob a bençam da Egreja reunem-se dois corações em flôr, cheios de esperança e de alegria, de sonhos e de sorrisos. São duas primaveras que se enlaçam, e é certo que não ha primavera que não deixe vêr a Providencia por detraz do véo transparente dos seus jubilos. Aqui está, pois, explicada a expressão de Manú.

Affirma Lichtenstein que entre os cafres koussas não preside ao casamento o menor sentimento affectuoso. Pois a diplomacia parece tambem apostada em asselvajar os reis, em tornal-os á barbarie. Culpa da politica, quasi se poderiam comparar aos algonquinos, em cujo vocabulario falta um verbo que signifique *amar;* e dizemos quasi, porque nos lembrou que os reis costumam dizer officialmente: *Minha muito amada esposa:* existe a palavra, mas falta, as mais das vezes, o sentimento que ella exprime. O que é muito peior, porque representa uma falsidade, que as civilisações toleram.

Os vocabularios algonquinos são n'esse ponto mais sinceros...

Michelet disse n'um dos seus livros his-

toricos que a Hespanha pendia para barbara, apezar do estreito; *l'Espagne tient à la barbarie, malgré le detroit*. Pois justamente á hora em que nos paizes mais civilisados os reis casavam obrigados pelos seus ministros, e nos paizes mais doces, em que o céo e a terra parece deverem embalar a alma em branduras amorosas, não eram mais felizes nem mais livres; na Hespanha, apezar de barbara, como disse Michelet, um rei, que subia a um throno em que não estava ainda firmado, teve a coragem de repartir o seu coração entre a patria e uma mulher.

Affonso XII comprehendeu, em plena mocidade, a verdadeira missão do homem. Realmente, por mais brilhante que seja um espirito, por mais perseverante que seja uma vontade, sempre a vida de qualquer homem ha de derivar por entre duas religiões: a da familia e a da patria. São duas prisões que aferram toda a existencia: preso á familia pelo amor; preso á patria pelo trabalho. Aos reis, apezar da sua elevada posição, não cabe menor quinhão de trabalho do que aos vassallos; por isso já um monarcha portuguez, que tinha uma perfeita comprehensão dos seus deveres, chamou aos encargos de um rei o *officio de reinar*.

Mas o amor de um rei era facto tão

raras vezes presenciado, que precisava ser tractado com recatos. Atirai bruscamente com uma flôr delicada, e vel-a-heis desfolhar. Ora nada ha mais delicado do que o amor, sempre que elle mereça este nome. Se D. Affonso XII houvesse feito alarde do seu amor, corria risco de vêr maltratada a pura flôr do seu coração. Um rei da Europa, em pleno seculo XIX, precisava ser cauteloso, embora perseverante, nas expansões do amor. Importava que a politica e o paiz se fossem habituando lentamente a vêr amar um rei.

Era em verdade para receiar que a interposição de uma coroa fosse obstaculo insuperavel á ardente paixão dos dois primos. Portanto, o joven rei de Hespanha quiz tranquillisar o animo de Mercedes. Mas, como poder dizer-lh'o livremente, no meio da côrte — a côrte, a eterna sombra dos reis? Era preciso aproveitar o menor incidente; sobretudo, era preciso sabel-o aproveitar.

D. Affonso triumphou d'esta difficuldade.

Estava a côrte em Aranjuez. Passeiavam o rei, sua prima Mercedes, a infanta Christina, o duque de Sexto, as damas de honor, sob o arvoredo da Cintra hespanhola. De repente, pela estrada de Toledo, roda uma carroça, envolta em turbilhões de poeira. Com uma simples palavra, o

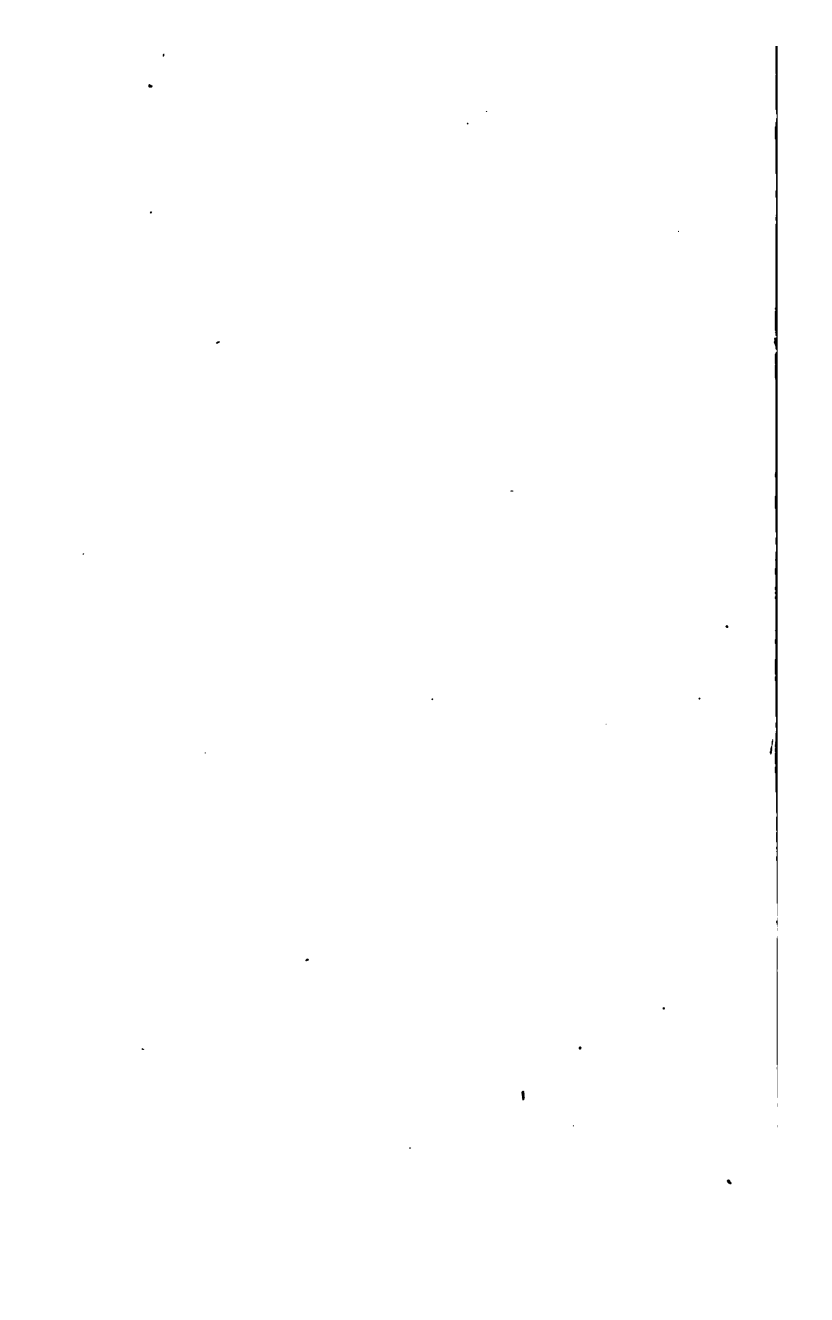
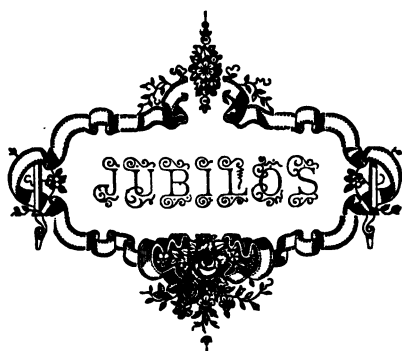
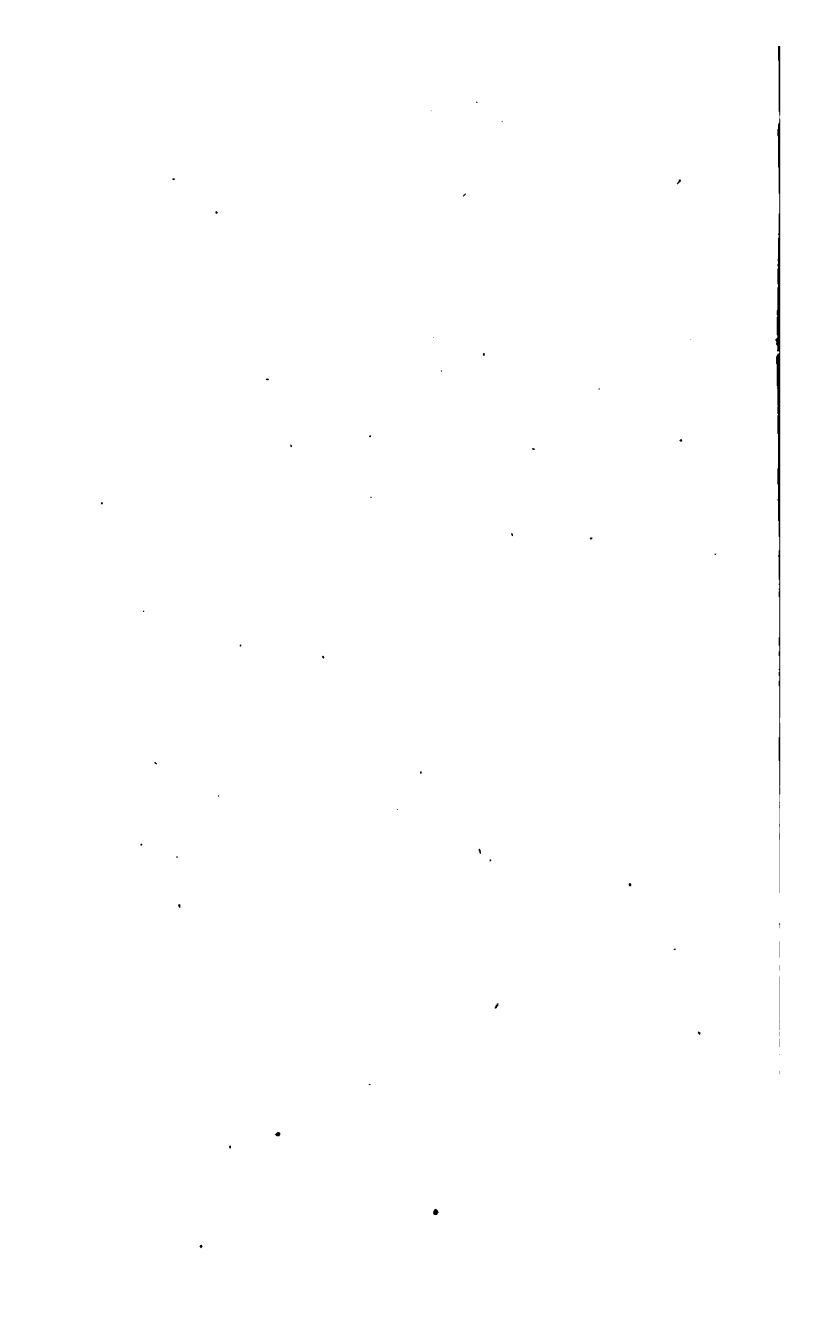
rei faz detel-a. Sobe para ella, quer que sua prima suba. A dama de honor de Mercedes sobe tambem. Parece a todos um capricho de rei, um brinco de adolescente. Ah! mas não era só isso... D. Affonso, em pé, vigoroso e alegre, solta as bridas á parelha, faz estralejar o chicote. Parte a carroça n'uma carreira doida. Sobresalta-se a côrte com a imprudencia; gritam, chamam...

O que! Quem póde deter esse vertiginoso vôo do Amor, Phaetonte que parece ir despenhar-se n'um mar de fogo?!

Era o primeiro momento de liberdade, mas ainda assim incompleta, porque havia dois ouvidos extranhos. A dama de Mercedes não fallava allemão; foi justamente por essa razão que os dois primos escolheram essa lingua para as suas confidencias.

E emquanto as nuvens de pó se enovelavam sob as patas de duas possantes mulas hespanholas, e o chicote estralejava elegantemente vibrado, emquanto pareciam correr para um abysmo, n'uma aventura romantica, dizia a sua prima Mercedes o rei de Hespanha, em puro idioma teutonico: «Deixa dizer o que disserem, e fazer o que fizerem, has-de ser minha mulher. Mas guarda segredo.»

Mercedes pôz o dedo sobre a bocca, e sorriu.

Então o rei refreou as bridas á parelha. A carroça começou a rodar suavemente. A dama de honor agradecia provavelmente a Deus o havel-a livrado de um perigo, que as palavras mysteriosas do rei lhe fizeram de certo receiar cada vez mais. E D. Affonso tambem agradecia á Providencia o presente d'aquella carroça, d'aquelle instante de liberdade.

JUBILOS

V

JUBILOS

O rei D. Affonso xii soube vencer, por um trabalho lento, surdo, perseverante, as difficuldades que a politica naturalmente havia de levantar contra um casamento de inclinação, especialmente n'um paiz tão desorganisado, tão inquieto como a Hespanha. A politica, firme no seu papel, quereria decerto que o rei casasse ao sabor das paixões partidarias; cada facção desejava porventura que a nova rainha de Hespanha representasse no throno as ideias que mais lisonjeassem as suas ambições. As mulheres são como as flôres; diga-se mais uma vez. Teem muito do paiz em que nasceram: n'um sorriso feminino revela-se a cada momento uma nacionalida-

de. Ora a princeza extrangeira que fosse sentar-se no throno hespanhol, se pertencesse, por exemplo, a uma forte nação, profundamente monarchica, agradaria especialmente aos affonsistas, que veriam n'essa alliança uma ancora capaz de aguentar, contra os mais rebeldes temporaes, a açoitada nau da monarchia hespanhola.

O rei tinha de vencer, portanto, a obstinação dos seus amigos, o que ás vezes é ainda mais difficil do que vencer a pertinacia dos inimigos. Para conseguir a victoria, era mister um grande trabalho de paciencia, de tenacidade. Apezar de muito novo, o rei soube aplanar o caminho, vencer os obstaculos, triumphar.

No dia em que fez vinte annos, a sua obra estava realisada; podia já declarar á Hespanha, e depois á Europa, que elle procurava no amor a estabilidade do throno, porque nenhum laço ha ahi mais forte do que o amor.

«Quando a minha patria vir, pensava certamente o rei, que a familia real de Hespanha offerece, como todas as outras, um dôce espectaculo de vida tranquilla e simples, quando reconhecer que somos todos hespanhoes, na côrte e fóra da côrte, sentir-se-há cada vez mais identificada com a monarchia que resuscita em mim, verá na minha familia o espelho da sua, nos

meus filhos uns irmãos, ao passo que eu verei nas familias de Hespanha como que uma reproducção multipla da minha, porque todos serão meus filhos.»

Entrincheirado n'estas nobres convicções, havendo vencido pela perseverança todas as difficuldades politicas, o rei pôde emfim fazer annunciar o seu casamento pelo ministro dos negocios extrangeiros ás côrtes da Europa.

Em Portugal, pelo menos, esta noticia foi recebida com profunda sympathia. Em Lisboa a princesa Mercedes era conhecida, estimada; o rei D. Affonso tambem. Um casamento por amor chama sempre sobre si as bençãos dos que teem coração; especialmente quando os noivos deixaram no nosso animo uma grata impressão.

Portugal abençoou-os pela bocca da sua imprensa, como se em verdade se não tratasse de um casamento de principes, mas de dois simples primos enamorados, que, depois de haverem regressado á patria, iam santificar á beira do altar as suas alegrias da infancia e as suas tristezas do exilio.

Dez dias depois do vigessimo anniversario do rei, partiram para Sevilha o marquez de Alcañices, o duque de Sexto, o marquez de Frontera, e D. Fernando de Mendonza a pedir officialmente a mão da

bella princeza. Era, finalmente, o epilogo do gracioso episodio da estrada de Toledo. Perto de Aranjuez, o ousado conductor da carroça dissera, fustigando a parelha, *digam o que disserem, e façam o que fizerem, tu has-de ser minha mulher; mas guarda segredo.* Mercedes soubera ser discreta como a estatua do silencio. Mas os emissarios do rei de Hespanha, entrando no palacio de S. Telmo, aclararam o mysteria d'aquella tarde aventurosa.

A dama de honor da princeza aprendeu talvez n'esse momento a traduzir allemão...

Dias depois, partia para Roma um enviado a solicitar a dispensa de parentesco. Roma respondia mandando ao mesmo tempo a dispensa, e a bençam do papa para essa união celestialmente harmoniosa, como diz a tradição indiana. Affonso e Mercedes iam finalmente casar, segundo a expressão catholica, com o osculo de Deus.

Então, ao passo que a phantasia do rei se comprazia em povoar de *bijoux* encantadores o ninho conjugal, a Hespanha preparava-se para uma grande festa, a festa do amor. A municipalidade de Madrid abria o seu thesouro para resuscitar as tradições cavalheirescas da Hespanha, os torneios, as touradas, os jogos floraes; Sevilha escrevia palavras de felicitação e encer-

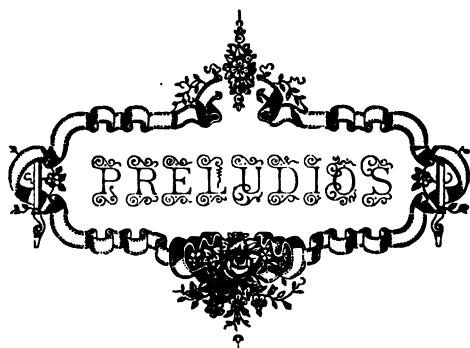
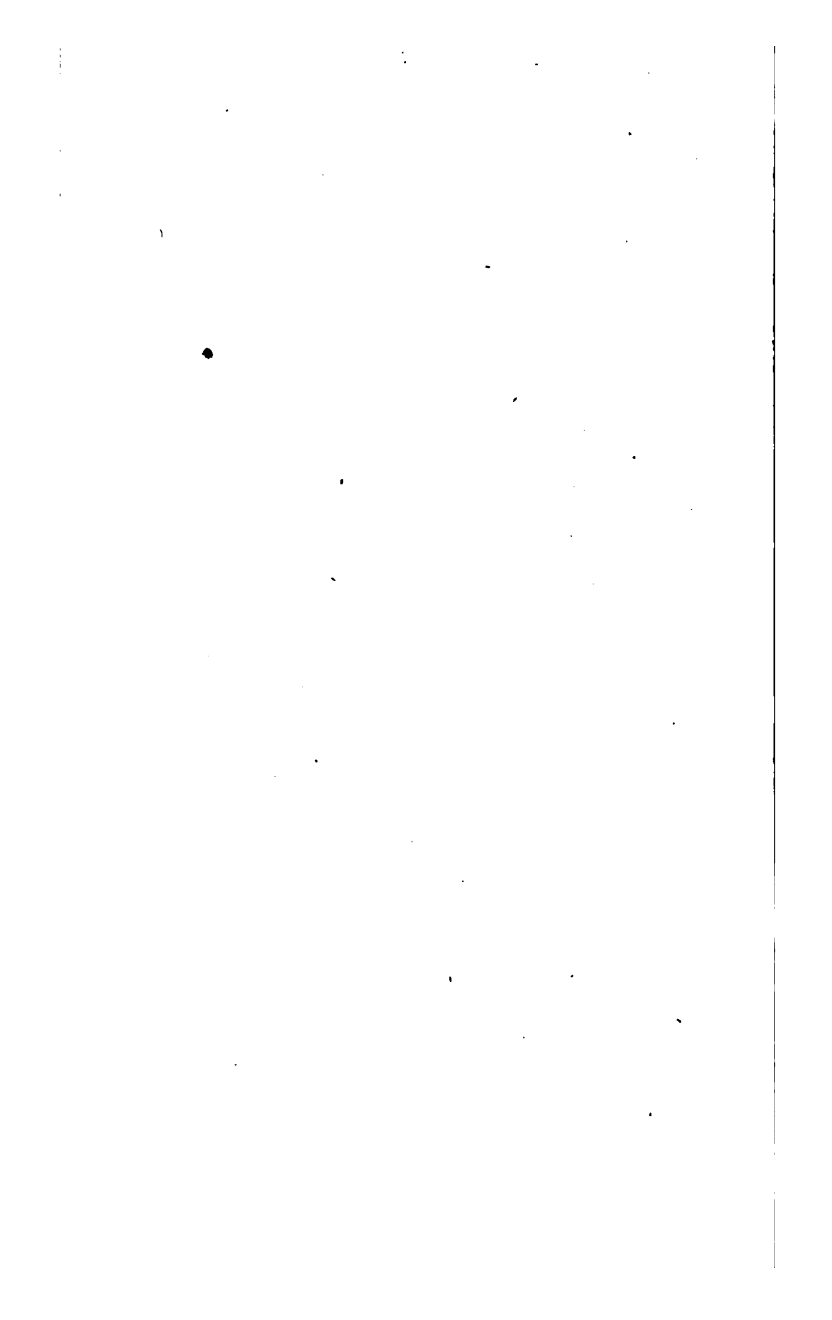
rava o manuscripto dentro de um cofresinho delicioso, cravejado de brilhantes; Valencia colhia as mais raras, as mais mimosas flores para enviar á rainha um *bouquet* colossal; Barcellona preparava os seus mais delicados artefactos para envial-os aos noivos, como preito da industria á monarchia; finalmente, estas e outras provincias queriam assistir á festa, e mandavam a Madrid vinte e cinco grupos de camponezes, que representassem, em toda a puresa do trajo popular, a individualidade ethnica de cada uma, de modo que os reis sentissem que tinham a Hespanha inteira á volta de si...

A Europa tambem não faltou na festa: as côrtes extrangeiras mandaram embaixadores. Uma onda de curiosos, de *touristes* invadiu Madrid.

Entretanto o rei, com a delicada imaginação de um poeta, com o fino gosto de um amante, dirigia em pessoa a ornamentação da camara nupcial; e, perdidamente enamorado, aproveitava uma recente invenção de Edisson, o telephone, a fim de dialogar de Madrid, onde estava, com Mercedes, que esperava em Aranjuez o dia da ceremonia nùpcial.

O casamento realisou-se em janeiro de 1878; pois, não obstante a estação, fazia

em toda a Hespanha um tempo de primavera.

Mas no meio d'esta festa geral, profundamente hespanhola, alguem que quizesse procurar dolorosos vaticinios, havia de encontral-os atravez das alegrias nupciaes que atapetavam de flores de laranjeira o solo da cavalheiresca Hespanha.

PRELUDIOS

VI

PRELUDIOS

De um beijo trocado entre o amor e a elegancia nasceu a ornamentação da camara nupcial do rei de Hespanha. O amor forneceu as lembranças delicadas, as apaixonadas galanterias, os objectos symbolicos; a elegancia, que é tanto maior artista quanto mais desleixada parece, distribuiu-os sorrindo, lançou-os como ao acaso, dispersou-os como se tratasse de espalhar uma nuvem de flores: brincando. D'esta alliança nasceu um idyllio em vez de uma camara, um palaciosinho feito de maravilhas dentro de um palacio feito de pedra; um ninho tecido de preciosidades para receber um par enamorado; dirieis que um poeta omnipotente conseguira realisar um

sonho de riquesa e felicidade architectando aquelles aposentos com pedaços de crystal e raios de sol.

As ideias mais tristes e mais terrenas tomavam alli uma encarnação phantastica. Nada mais atrozmente positivo que a lembrança de que o tempo foge com uma velocidade insensivel, de que nem com punhados de ouro se póde embargar-lhe o passo. Mas o amor, nos aposentos destinados á rainha Mercedes, até sobre os relogios soube poisar sorrisos, de modo que o tempo deixou de ser cruel alli. Era o amor quem devia avisar a rainha de Hespanha das horas que fugiam, mas com tal encanto obrigára o relogio a fallar, que certamente as horas pareceriam breves, muito breves. Sobre um pedestal de marmore branco, dois amantes enlaçados n'um beijo longuissimo, estendidas as mãos para um livro, que um Cupido de ouro abria, indicando uma phrase —*Para sempre:* esta graciosa pendula devia recordar a Mercedes, hora a hora, que o tempo fugia mas que o amor ficava. *Para sempre,* em vez de ser a cruel ameaça da eternidade, tornava-se uma promessa de felicidade ininterrompida. O leve rumor da pendula pareceria, de instante a instante, o rumor de um beijo: olhando para os dois que se beijavam sobre o pedestal de marmore, a rainha de

Hespanha acreditaria facilmente que o esculptor primoroso soubera animar o bronze.

A França mandára para alli, para aquelle édensinho principesco, quanto de maravilhoso as artes haviam produzido. O que os reinados de Luiz XV e Luiz XVI viram de mais assombroso, espalhou-o n'aquelles aposentos a mão de uma fada. A par das grandes obras da arte, as pequenas coisas galantes. O amor tem o seu tanto ou quanto de selvagem: quer engalanar-se com constellações de missangas. Os ramilhetes seccos, uma luva, um lenço eram alli as missangas do amor. Tudo aquillo pertencera a Mercedes: portanto era justo que tudo aquillo completasse o idyllio.

Na atmosphera, um suave conjuncto de aromas delicadissimos, subtis; — este perfume tenue mas penetrante que faz lembrar a respiração das coisas bellas.

A luz, nitida, mas discreta, sem os tons petulantes com que ella invade as alcovas burguezas.

O que quer que fosse de branda indolencia, de deliciosa preguiça na luz, nos moveis, nos perfumes. Quanto alli estava parecia viver, mas dormir. Era uma alvorada sem canticos, banhando n'uma serenidade narcotica a sua formosura.

Fóra, a contrastar com esta extranha placidez que esperava alli os noivos, a an-

ciedade do publico, o rumor das praças, o rodar das equipagens, o estrepito das fanfarras, o tumultuar de uma cidade em festa.

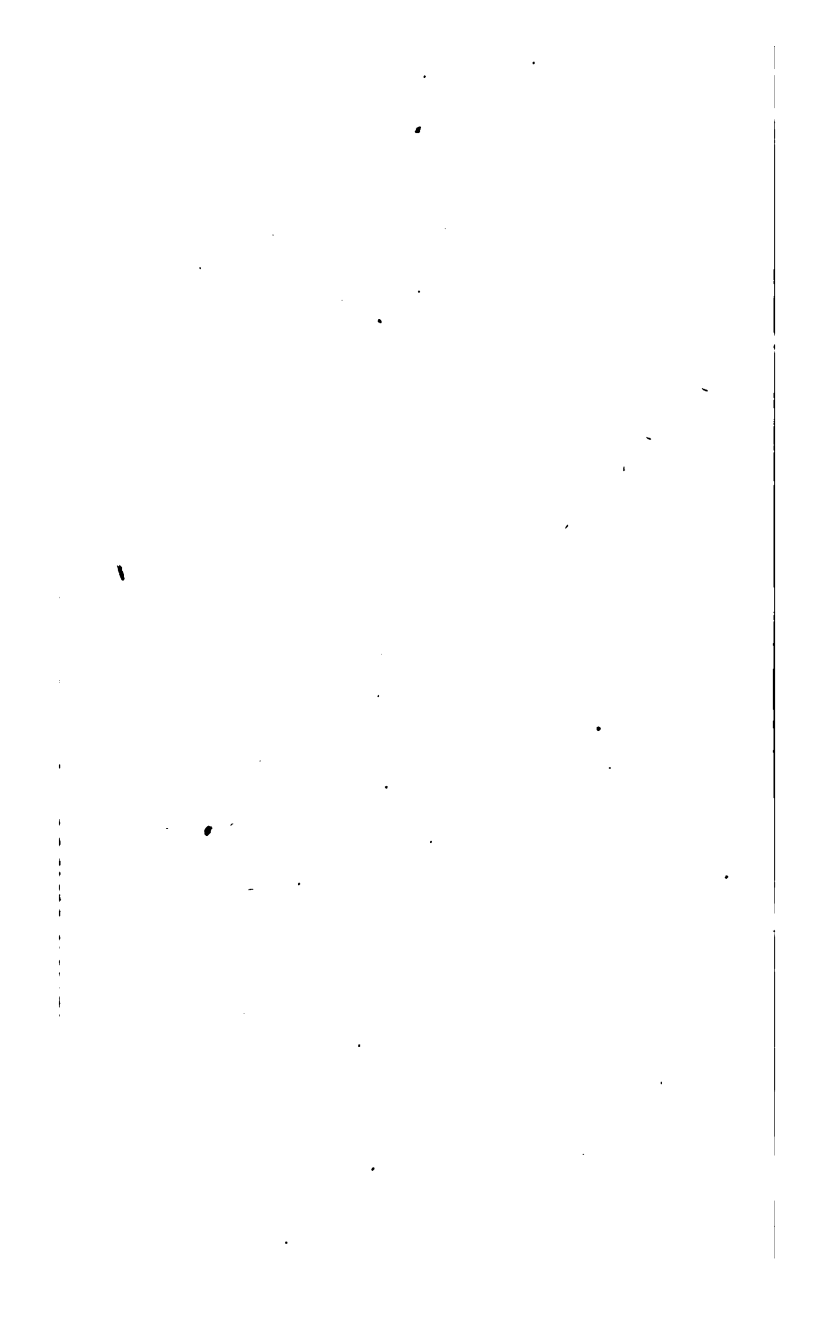
As damas da primeira sociedade preparando as suas *toilettes* enormemente ricas: só o vestido da duqueza de Santonia, costurado em Paris, valia onze contos de reis.

A princeza Mercedes, no palacio de Aranjuez, remirando, n'um encantamento de felicidade e de surpresa, os brindes maravilhosos que de toda a parte lhe mandavam: o rei, uma corôa de brilhantes, um *pendant*, de Froment Maurice, um bello camapheu antigo com uma allusão mythologica; Izabel II, um manto de velludo, estrellejado de ouro, acolchoado de arminhos; D. Francisco de Assis, uma corôa real constellada de diamantes, um raio de sol cinzelado em diadema.

Á volta da formosa hespanhola, que ía ser rainha, as suas novas damas de honor, as duquezas de Bailen e de Ahumada e a condessa de Villapaterna acercando-lhe, como n'um sonho féerico, todos esses brindes encantadores, todas essas maravilhas, que pareciam destinadas a uma noiva de ballada mediévica.

A bazilica da Atocha aberta de par em par para receber os dois que se amavam.

Deante do portico do templo, um arco de triumpho colossal, construido pelos invalidos, formado de canhões, de armas, de tropheus de bandeiras conquistadas, um pensamento cavalheiresco a completar a festa do amor, que ía ser abençoada por Deus.

Ide. Deus vos espera, noivos.

A BENÇÃO

VII

A BENÇÃO

O cortejo nupcial era imponente, magestoso.

A grandesa das velhas côrtes européas resuscitou n'aquelle dia sob o céo da formosa Hespanha.

Houve um momento de silencio e de anciedade quando se avistou a vanguarda do prestito, quando o cavallo do timbaleiro, ricamente ajaezado ao antigo estylo hespanhol, constellado de brazões, rompeu a marcha, seguido por um esquadrão de cavallaria, pelos arautos, e por vinte corceis arreiados ao tempo de Carlos v.

Depois começou a desdobrar-se a longa fila das carruagens, em numero superior a duzentas. Na frente, as do conde de Paris,

da rainha Christina, dos fidalgos da casa do rei, dos mordomos de semana, das infantas irmãs do rei, de D. Francisco de Assis. Empós, o coche deslumbrante da princesa das Asturias, um antigo coche de tartaruga, incrustado de ouro, com as arestas cobertas de grinaldas de flores, que um artista do seculo XVII pintou; interiormente forrado de setim, com lavores do tempo de Luiz XVI; tirado por oito cavallos emplumados e ladeado por officiaes da casa real. Dentro d'esta berlinda encantada destacava o busto gracioso da princeza, que cingia o manto de côrte sobre um vestido de velludo vesuvio, bordado a cravos de varias côres. Esta visão encantadora, que o sol parecia rodeiar de reflexos phantasticos, não tinha ainda desapparecido, e já outra, verdadeiramente féerica, attraía o olhar.

Era a carruagem do rei.

As esplendidas librés á Luiz XVI, ostentando as côres dos Bourbons, quatro parelhas com jaezes cuja riqueza só podia competir com a das librés, os homens das maças, os picadores, os criados a pé, que se affiguravam barras de ouro a andar, como disse por esse tempo um jornalista, eram como que uma muralha transparente, tecida de ouro e de sol, atravez da qual os procurava com a vista a figura esbelta de rei dentro da sua carruagem olympica.

Excede tudo o que se possa imaginar esta velha carruagem real, que já tem dois seculos de existencia, feita de acajú, com ornatos de bronze dourado, encimada por um grupo de figuras mythologicas, que se enredemoinham aos abraços n'uma lucta confusa, sob o peso da corôa, que remata esse zimborio de um trabalho cellinesco. A caixa do trem arquea-se sobre laminas douradas, á similhança das carruagens de gala da côrte portugueza. O interior, acolchoado de setim, cheio de paizagens, de figuras bordadas, emmoldurava o perfil do rei, que vestia a sua grande farda de general, com o tosão de ouro sobreposto.

Mais tres carruagens, de um esplendor levantino, completavam o numero dos coches de gala: uma de ébano e de lapis-lazuli marchetada de ouro; outra de marfim, e a ultima de crystal de rocha, uma especie de barquinha de vidro, que tremeluzia ao sol, como se se fosse movendo sobre uma onda azul do mar Jonio.

Uma escolta numerosa encerrava este cortejo phantastico, que passava deslumbrando como no fundo de um kaleidoscopio.

Tudo havia sido dirigido em tão exacta conformidade com o programma, que a carruagem do rei chegou á bazilica da Atocha ao mesmo tempo que a da princeza Mercedes.

Sob o arco de triumpho, o cardeal Benevides, patriarcha das Indias, acompanhado pelo nuncio apostolico e por quinze bispos, esperava os noivos.

Affonso XII foi recebido debaixo do pallio de velludo vermelho bordado a ouro, ondulante de grandes plumas brancas, que faziam lembrar o adejar de um bando de pombas irrequietas.

Atraz do rei seguia o conde de Paris, que vestia a farda de tenente-coronel do exercito hespanhol; os duques de Montpensier, trajando a duqueza um vestido de setim amarello e preto; as infantas irmãs do rei e da rainha, que levavam mantos de côrte e vestidos de *faille* azul celeste, guarnecidos de crepe liso, estrellejados de perolas finas, e arregaçados por *bouquets* de rosas brancas e de myosotes.

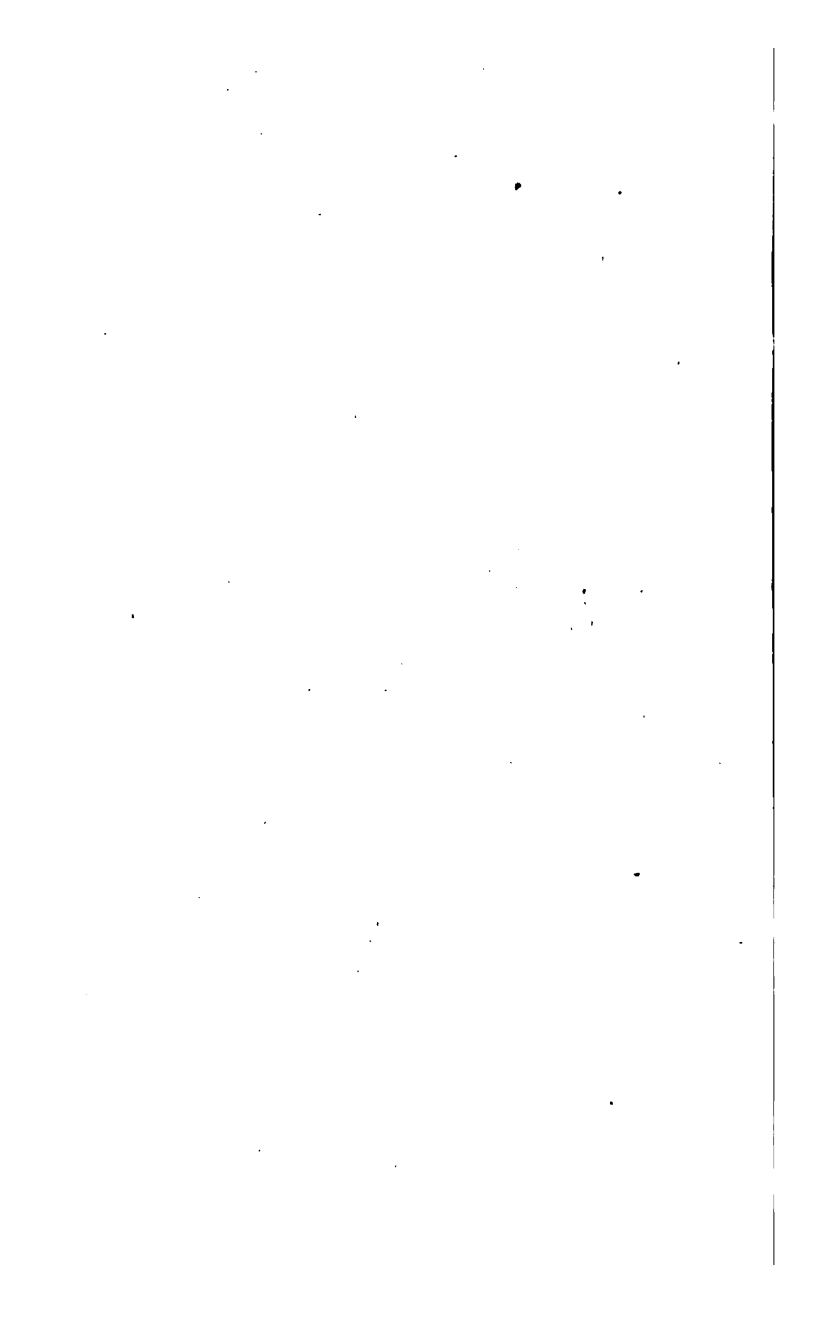
Empós este coro nupcial que rodeiava Mercedes, este bello grupo de princezas, e de damas nobres como a duquesa de Sexto, que vestia de setim vermelho com rendas de Alençon, e a condessa de Guaqui, que trajava vestido de setim branco guarnecido de pennas de abestruz e perolas finas, entraram no templo o senado, os deputados, e o corpo diplomatico.

O rei subiu ao throno, onde a sua gentil figura se conservou de pé alguns momentos, e desceu depois para ir ao encon-

tro da sua noiva, que vestia de tafetá branco, bordado com innumeros *bouquets* de rosas nevadas, roçagando sobre o tapete do templo, entretecido por cem senhoras da primeira sociedade hespanhola, a sua immensa cauda.

Então celebrou-se a missa, que foi expressamente escripta pelo compositor cubano Villate, author da opera *Zilia,* e o patriarcha das Indias cruzou sobre os noivos a benção nupcial. Este acto foi acompanhado por uma allocução do patriarcha, depois da qual, subindo a rainha ao estrado, o patriarcha fez ouvir esta solemne saudação: «A Egreja sauda-vos rainha de Hespanha.»

Cantado o *Te-Deum,* D. Affonso XII e a eleita do seu coração subiram á carruagem real. O magnificente cortejo atravessou as ruas de Madrid por entre nuvens de pombas, que, lançadas das janellas, n'um numero prodigioso, esvoaçavam ás doidas por sobre as carruagens.

Nos labios do rei desenhava-se um fino, um dôce sorriso de felicidade, cuja expressão se póde traduzir n'uma só palavra: «Emfim!»

FESTAS

VIII

FESTAS

Seguiram-se as festas. Madrid accendeu-se como um só facho phantastico, cujos largos reflexos prysmaticos e agitados faziam lembrar um enorme *bouquet* de luz, osculado pela viração da noite. O Prado affigurava-se uma montanha de estrellas; as fontes de Neptuno, de Cybele e de Apollo jorravam scentelhas. Os palacios particulares, entre os quaes avultava o do marquez de Campos, pareciam feitos de crystal illuminado. Nas ruas, a multidão fremente ondulava como a superficie de um oceano. Fallava-se, bailava-se, cantava-se ao som dolente da guitarra. Os trovadores populares recitavam

epithalamios no velho estylo romantico, cheios de pomposa rhetorica: «Luz que inundas de fulgôres os horisontes da patria; arco-iris da paz, penhor de felicidade, vive feliz e cumpre a tua missão.» Na praça de la Armeria seiscentos musicos e quatrocentos cantores entoavam um côro grandioso. Na Porta do Sol tres focos de luz electrica conservavam uma claridade metallica, prateada. A transição da noite para a aurora não se sentiria, se o sol não parecesse pallido, um sol de noivado, alegremente desbotado e malicioso, a todos os que ainda tinham os olhos habituados aos esplendores das fontes luminosas do Prado.

No dia seguinte, 24 de janeiro, cantou-se na capella real de Santo Izidro o *Te-Deum* que as auctoridades de Madrid e a deputação provincial tinham resolvido mandar celebrar. Este acto religioso fez despertar a côrte, recomeçar o movimento das carruagens brasonadas. O rei e a rainha faltaram a esta festa, demasiadamente matutina, mas appareceram, radiantes de felicidade, na sala do throno, á hora da recepção: o rei vestido de capitão-general, com as suas gran-cruzes traçadas sobre o peito, a rainha em *costume* de côrte, de côr de rosa, que é a côr predilecta das noivas.

Na tarde d'esse dia, Luiz Godard, areonauta por hereditariedade, realisou no campo de Móro, em frente do Palacio Real, a ascenção de um enorme balão, que media setecentos metros, e que se elevou desdobrando as alegres cores hespanholas no seu monstruoso bojo de seda.

Na tarde do dia seguinte, uma festa verdadeiramente hespanhola despertára o mais vivo enthusiasmo. Dezeseis mil espectadores affluiram á tourada em que um grupo de moços fidalgos, e outro grupo dos mais famosos espadas de Hespanha, Frascuelo, Angelo Pastor, Gayetano Sanz, realisaram proezas de ousadia tauromachica.

O rei e a rainha, depois de haverem recebido vinte e cinco pares de noivos, que se tinham casado no mesmo dia em que o rei casou, e que vestiam o trajo pittoresco das provincias a que pertenciam, deram entrada na tribuna real da *Praça dos Touros,* radiantes de uma franca alegria juvenil, cheia de scintillações e de sorrisos.

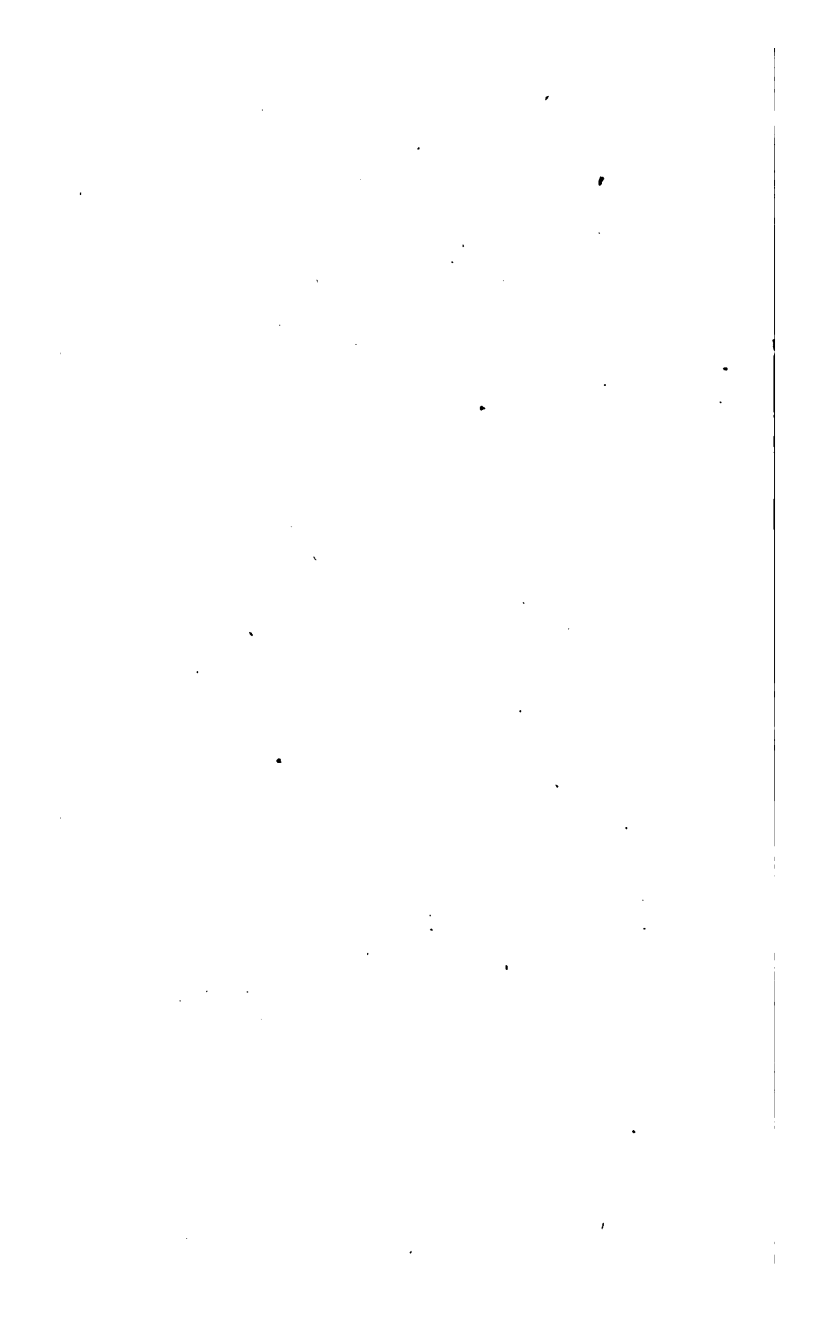
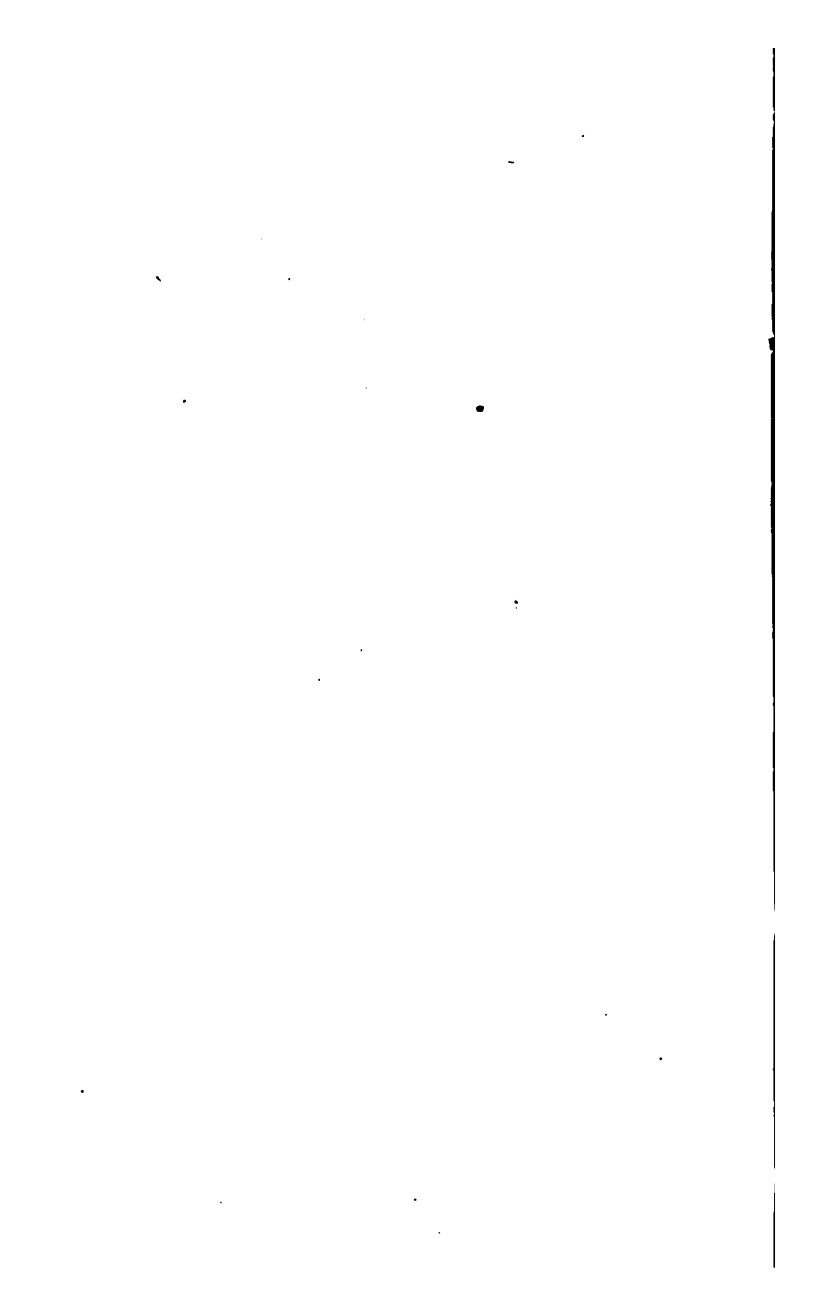
Então começou a festa, deslumbrante de grandeza, de magestade. Rodáram na arena os grandes carros que conduziam os toureiros amadores, acompanhados pelos seus patronos, grandes de Hespanha. Depois entraram os *espadas,* impavidos,

esculpturaes, preparados para a lucta; os bandarilheiros, traçadas as capas de côres vivas sobre o braço direito; por ultimo os arautos vestidos á Henrique III, e o carro de morte, a tumba, tirada por cavallos que sacudiam cocáres multicores, e fitas variegadas.

Estava alli a Hespanha, nobremente selvagem, a Hespanha que oppõe Tarifa a Tanger e Algeziras a Ceuta, a Hespanha que por sobre o estreito estende um braço para a Africa, como para receber de lá o que quer que seja de rude; esta grande e bella Hespanha que se diverte applaudindo um espectaculo de sangue, como se no sangue ainda quente visse apenas, não a morte, mas a força, a vida dos que morrem pelejando, combatendo; esta ardente e incomprehensivel Hespanha que n'esse mesmo dia, como sempre, passou d'esta festa de morte, do circo romano para o theatro da Opera, da tempestade para a bonança, de Frascuelo e de Pastor, para Chapi, a musica, e para Borghi-Mamo, o canto, da tourada, uma carnificina, para *Roger di Flor*, uma partitura.

O *Theatro Real*, n'essa noite em que se cantou o *Roger di Flor*, tinha um aspecto de grandeza oriental, porque uma facha de diamantes, que scintillavam sobre

o peito das damas da côrte, formava um circulo de luz verdadeiramente deslumbrante, phantastico.

No dia seguinte, concerto no theatro Apollo; no dia 27, revista militar em que trinta mil homens tomáram parte; depois... um diluvio de festas ruidosas, soberbas, e, no futuro — quem sabe? — talvez uma sombra, uma grande dôr, o reverso d'este quadro maravilhoso...

PRESAGIOS

IX

PRESAGIOS

Por entre o resplendor das festas atravessa não raras vezes uma sombra fugitiva, que deixa no nosso espirito uma ligeira impressão. E' a desgraça que passa agitando subtilmente a sua grande aza negra; adivinhando-a, nasce em nós o presentimento.

Por entre as enormes lampadas de ouro, que, no dia da benção nupcial, illuminavam a bazilica da Atocha, adejou essa terrivel ave presaga, e, demorando-se um momento sobre uma das capellas lateraes, chamou para aquelle ponto a attenção de quantos alli tinham mais fina sensibilidade. Comprehendendo, estremeceram esses que

viram isto. N'essa capella, um monumento de estylo antigo, um sarcophago de ferro com embutidos de ouro, guarda os restos mortaes do general Prim. Haviam escondido o tumulo para que elle não fizesse ouvir a sua voz sinistra por entre os canticos religiosos, e os hymnos da festa. Mas, postoque escondido, o tumulo fallava, e o presentimento chamou a attenção para o que elle dizia. Era a ideia da morte, do invencivel poder que tudo derruba, que desfolha todas as grinaldas, que envenena todas as felicidades: adivinhava-se tudo isto. Involto em tapeçarias, para que se não deixasse vêr, o gigante, se não podia bracejar, deixava presentir o seu vulto; de mais a mais aquelle tumulo era o do general Prim: poisavam sobre aquelle sarcophago dois vaticinios terriveis.

Quem sabe, ai! quem sabe! se Mercedes, a noiva ditosa, ao inclinar a fronte deante do patriarcha das Indias para ligar o seu destino ao do rei de Hespanha tão moço e tão namorado como ella, não relanceára involuntariamente o olhar para aquella capella que escondia um tumulo, e não sentira no coração a dôr lancinante de uma punhalada vibrada por mão invisivel! Quem sabe até se uma lagrima, uma lagrima crystallina e esquiva, não rociára por momentos a face da bella hes-

panhola, refrangendo a luz dos lampadarios! Se alguem viu essa lagrima, se o rei D. Affonso a surprehendeu, tomal-a-ia por uma d'essas perolas em que a alegria, quando é profunda e immensa, se desentranha, porque a lagrima é o verbo mudo de todas as grandes commoções.

Mas não paravam aqui os vaticinios; os que os procuravam, até fóra de Hespanha os encontravam. Um rei, dos mais enamorados que teem occupado os thronos da Europa, o rei *galantuomo,* havia fallecido recentemente. A' Italia, o bello paiz da arte e do amor, chorava ainda a perda d'aquelle esbelto homem, ao mesmo passo fragoeiro na rudeza das caçadas, e galante no remanço das salas; a Italia, poisando a fronte melancolica sobre a urna vitrea do Adriatico, parecia chorar. E quando a Italia chora, o coração da Europa soluça.

Nas vastas paragens habitadas pelos povos slavos, a guerra estrondejava; o echo longinquo da carnificina, da lucta tremenda em que dois grandes imperios rivaes procuram despedaçar-se, rumorejava em todos os circulos de conversação, nas noticias palpitantes de todos os jornaes.

A's lagrimas da Italia juntava-se o sangue da Turquia.

Pio IX, o velho pastor do rebanho catholico, abençoára o casamento do rei de Hespanha com a mão senil quasi fria. Hora a hora, a sua vida atufava-se na grandeza da immortalidade, e os corações religiosos assistiam commovidos ao lento declinar d'aquelle astro que parecia luctar pela vida e pela Egreja já suspenso sobre o poente.

Havia, por toda a Europa, a tristeza d'um occaso, a concentração de muitas incertesas: qual seria o desfecho da lucta no Oriente? como deslisariam os dias da Italia sob o governo de um novo rei? por que tempestades passaria o orbe catholico quando a velhice de Pio IX exhalasse o derradeiro alento?

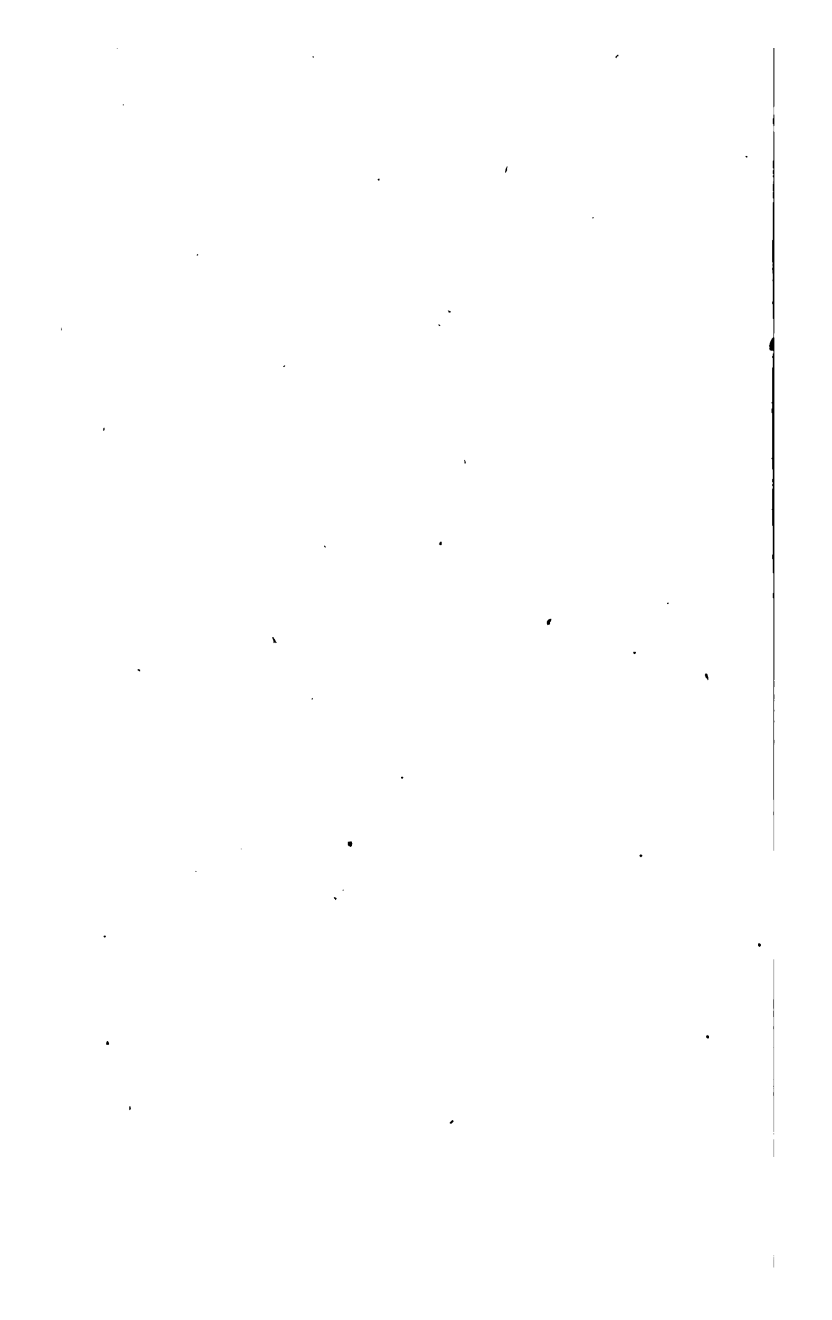
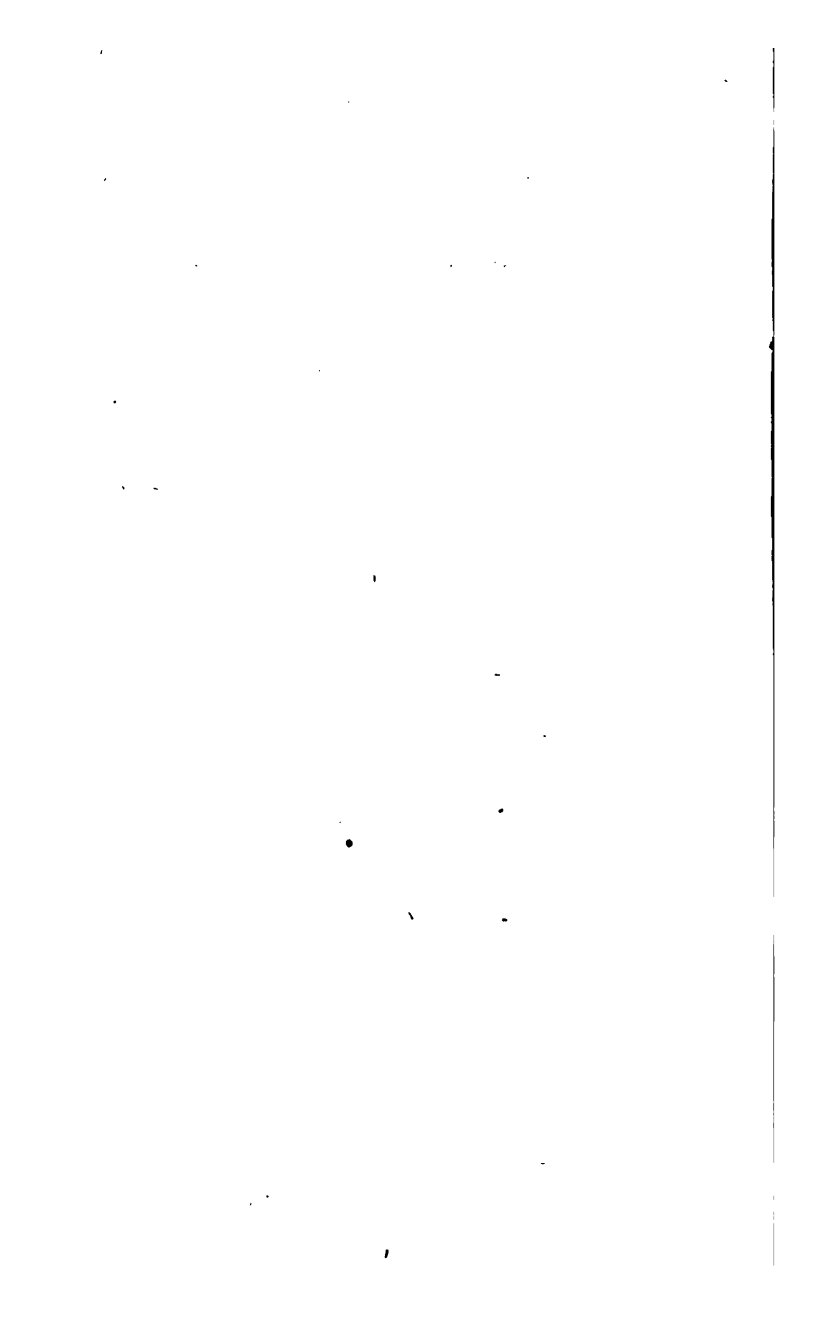
A Europa estava agitada, receiosa, e não era este o scenario mais de geito para uma festa nupcial. Os representantes das poderosas côrtes extrangeiras, que concorreram a Madrid, pareciam preoccupados: agitavam-se-lhes na mente os problemas do futuro.

Influencia do estado geral do mundo europeu, ou tibieza de animos apprehensivos, um facto occorrido em Madrid tomára um caracter presago para algumas pessoas. Dos fidalgos que se apresentáram a lidar toiros, um sahira mal-ferido da arêna. Uma onda de sangue, jorrando do

peito d'esse fidalgo toireiro, quiz parecer ruim vaticinio.

Entretanto, o rei de Hespanha davase por indemnisado de quanto havia soffrido em tão verdes annos. Mercedes era, finalmente, sua. Ao mesmo passo julgavase forte para soffrer no futuro. Tinha sobre o seu coração um escudo de aço: era o amor da rainha.

Então lembrava-se dos seus amigos, dos seus condiscipulos de collegio: quizera que todos elles presenciassem a sua felicidade. Estando na familia, esquecia-se de que tambem estava no throno. Por isso escrevia ao archiduque Frederico de Austria, que estava para desposar a princeza Izabel de Croy: «Prohibo-te que me trates por magestade nas tuas cartas, trata-me como no tempo do *Teresiano*. Quando te casares vem a Madrid com tua mulher, a qual travará conhecimento e amisade com a minha, porque Mercedes é muito boa e amavel. Recordaremos os antigos tempos. Assim pássarás uma lua de mel tão feliz como a que eu desfructei.» N'estas poucas linhas está um hymno de felicidade; é a voz de um coração francamente sincero e ditoso — d'um coração em flôr.

Que pena que elle não podesse ser completamente feliz!

NOIVANDO

X

NOIVANDO

No mais profundo da floresta architectam as avesinhas o seu palacio de amor: afofam-n'o de plumas soltas, e de folhas verdes. Escondem-se assim das vistas curiosas, e celebram na profundesa do bosque o idyllio da sua felicidade,

Em deredor ouve-se ás vezes um cantico, uma nota perdida; é uma phrase, uma estrophe do poema do noivado. Por esse som, que o vento vai levando de arvore em arvore, comprehende-se a sublimidade do mysterio que se occulta dentro de quatro musgos entretecidos em abobada.

Tambem o palacio dos reis de Hespanha se convertera em ninho de amorosos

segredos. Alli se escondia o par venturoso, alli vivia no remanso da sua felicidade

> De dia em pensamentos que voavam,
> De noite em dôces sonhos que mentiam.

Á volta d'esse éden de alegrias nupciaes ondejava Madrid, a inquieta. Rumorejavam os *cafés,* projectando sobre as ruas a sua viva claridade provocante; estrondeava nos theatros, em explosões de enthusiasmo, a ardente sensibilidade peninsular, agitada pelas fundas commoções dramaticas, quando a alegre vivacidade hespanhola não se desatava nas francas gargalhadas e nos ruidosos applausos de uma comedia, temperada com o sal malicioso da Hespanha. Nos circulos politicos discutia-se, apostrophava-se, e envolvia-se no fumo azulado de um bom havano uma theoria administrativa ou uma questão financeira. No Prado rodavam as carruagens da velha nobreza, corcoveteavam os finos cavallos andaluzes, sob o acicate dos nobres cavalleiros. A *manola* passava agitando o mundo com a sua ventarola travessa, a mocidade com o seu olhar magnetico. Canovas del Castillo discursava brilhantemente no parlamento; Campoamor sonhava *doloras*

encantadoras; Peres Escrich projectava romances tão desejados pelos editores como pelo publico; Echegaray planeava talvez um bello drama: a Hespanha, especialmente Madrid, respirava o seu ar subtil, como diz a canção, e espanejava-se sob o seu formoso sol resplendente.

No paço real, os noivos gorgeiavam as suas dôces confidencias. A primeira familia das Hespanhas vivia na concentração das familias obscuras e ditosas. Na camara nupcial, o grupo de bronze, que se osculava, lia no livro do amor, a cada hora que o relogio marcava, aquella deliciosa phrase cheia de promessas: *Para sempre.* As flôres do dia das nupcias estavam frescas, rescendentes, quasi orvalhadas: se esse dia ainda estava a tão pequena distancia! De vez em quando, como um reflexo d'esse sanctuario de luz, partia do palacio real um sorriso da caridade, que enchia de reconhecidas lagrimas os olhos da pobreza. Começara a primavera, que é em toda a parte alegria. A formosura das noites augmenta a felicidade como um microscopio feito de luar. Por noites embalsamadas e serenas, os mais receiosos do futuro devaneiam sonhos de vaga, de incomprehensivel esperança; que fará quem já se sente feliz, quem já está no alto, e póde, por isso, vêr melhor o céo!...

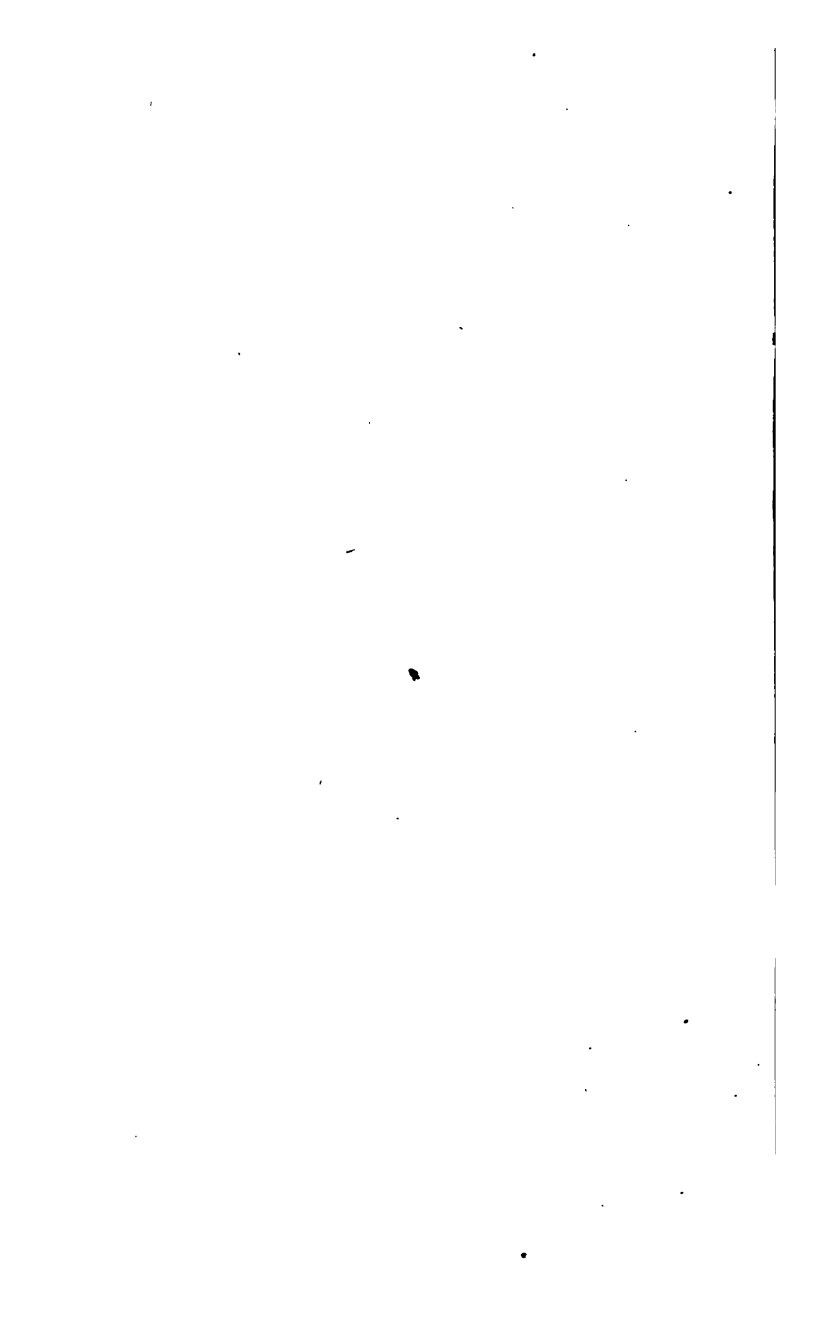
Se D. Affonso XII não fôra um rei, mas simplesmente um hespanhol, divagaria ao luar pelas ruas de Madrid, Mercedes ao lado, os braços enlaçados; procurariam as ruas mais solitarias do Prado, fallariam do futuro, arrulhariam como dois pombos namorados. Madrid vel-os-hia, e elles não veriam Madrid. O rumor da inquieta cidade, que parece accordar á noite, não os incommodaria; porque o amor sabe fazer silencio á volta de si para se ouvir melhor . . .

Mas, rodeiado das prisões da côrte, impedido, como todos os reis, de ser completamente livre, fechára no seu palacio as suas alegrias. Não era rei senão por amar a Hespanha, que era tudo o que ainda lhe fazia lembrar do mundo. Mercedes, contemplava a sua corôa de larangeiras, e não se lembrava da outra de rainha. Murillo, se resuscitasse, não saberia copiar aquella felicidade tranquilla.

Entretanto a aguia negra, que roçára a sua aza pelo tumulo de Prim, trouxera-a de lá impregnada de uma poeira de morte, que sacudira sobre o palacio real das Hespanhas. Essa poeira, como se fôra uma chuva de fogo, crestára lentamente, invisivelmente as flores do *boudoir* de Mercedes. Quem sabe se a pobre rainha, ao vêr languescer a primeira flor do seu noivado, não

lêra nas pétalas desbotadas um vaticinio horrivel! Essa flor não podia ser por modo algum um symbolo do amor do rei; que esse amor, tão profundo, tão ardente, tão raro, era indubitavelmente do amor que fica quando as flores emmurchecem. Mas, como sempre, essa pequenina flor era a imagem da morte: hontem sorrira ella no *bouquet* nupcial de Mercedes, hontem lançára sobre o vestido roçagante da rainha o reflexo colorido da sua formosa corolla. Hoje derramára no ar a sua alma de aroma, e passára. Porque não seria Mercedes como ella? Flor pela formosura, tambem vivera hontem, hontem principalmente, no templo, ao lado de Affonso, e aos pés de Deus. Essa grande commoção bem sentia a rainha que devia ter consumido uma parte da sua alma; porque as commoções são de fogo, queimam. Portanto, que lhe restava? Deixar-se aniquilar como a flor. Dar o seu ultimo olhar a Affonso, a sua derradeira lagrima á Hespanha, a sua alma ao céo. Emquanto o amor e a morte se digladiavam n'um duello terrivel, sangrento, talvez Mercedes dissesse comsigo mesma: «Ha cinco mezes que ouvi nas ruas a um pobre trovador popular que me saudava: Vai, rainha, tão bella como a flor, sua irmã pelas graças da formosura. Se é verdade o que elle disse, que Deus rece-

ba a minha alma e proteja Affonso.» Depois, olhando por ventura para o relogio da sua camara, pela primeira vez acharia uma significação horrivel, atroz, n'aquella phrase outr'ora tão doce: *Para sempre! Para sempre,* a eternidade, a separação completa, o cerrar dos olhos nas trevas do sepulchro, o esfriar do coração para não mais aquecer.

De repente, os jornaes de Hespanha annunciáram que a rainha Maria de las Mercedes havia enfermado gravemente.

AGONISANDO

XI

AGONISANDO

Era entrado o estio. Os grandes calores íam queimar as ultimas flores que estrellavam os campos. Uma febre terrivel prostrára effectivamente a formosa rainha de Hespanha. Nem as flores do throno escapavam ao ardor da sazão.

A Europa ficou dolorosamente surprehendida, alvoroçada com essa triste noticia. Quando a vida de uma noiva corre perigo, parece que sente a gente a oppressão de um dia de inverno em plena manhã de primavera. E essa noiva era ao mesmo tempo uma rainha: tinha o triplice prestigio da sua posição, da sua formosura e da sua virtude. Pertenciam-lhe tres corôas:

uma de ouro, porque era rainha; outra de larangeiras, porque era noiva; a ultima de rosas, porque era bella. Profanar tres corôas de uma só vez, affigurava-se uma impiedade, um crime. A enfermidade que prostrou a rainha Mercedes pareceu desde logo um attentado da natureza contra a natureza, um facto horrivelmente extraordinario.

No dia 24 de junho, porém, dia de festa para os povos da peninsula, a rainha sentiu-se mais alliviada por noite dentro. Supposeram os medicos vêr chegar um periodo de reacção favoravel. Pareceu que a natureza havia comprehendido que não podiam os reis chorar nos dias assignalados ás festas do povo.

Deslisou tranquilla a noite, e sobre a manhã pôde a rainha ser transportada, nos braços dos que mais amava, para outro leito. Rodeiavam a doente o rei, os duques de Montpensier, a princeza das Asturias, a infanta Christina, a marqueza de Santa Cruz. Parece que os doentes querem fugir á morte mudando de leito. O rei comprehendeu o que se passava n'aquella alma gentil. Luctando pela vida, a rainha pensava mais nos outros do que em si. Queria salval-os, sabia quão fundo pungiria no coração da familia real a dôr de a vêr morrer.

Quando o corpo da rainha pendeu alquebrado sobre os braços de Affonso XII, quizera o rei ser mais forte do que nunca. Não pôde. As lagrimas brotáram em torrente. A rainha viu-as, e disse: *Vamos, Alfonso, no llores ó me enfadaré.* Singular coragem do amor! O fraco tornara-se forte.

A doença do corpo e do espirito sopitára a rainha, que adormeceu serenamente. Sobre o seu bello corpo adormecido pairou o sorriso de uma esperança. Então alguns dos seus nobres enfermeiros foram descançar; ficaram outros, de atalaya ao leito, seguindo com a vista o menor movimento da physionomia, a menor alteração do semblante. Eram o marido e a mãe. Não pódia haver no mundo mais dedicados enfermeiros.

Um correspondente de Madrid, dando noticia do doloroso alvoroço que ía na camara da rainha, dizia: «Os aposentos contiguos pareciam um acampamento: a princeza das Asturias descançava no quarto de *toilette* da rainha, o duque de Montpensier no salão carmezim, o cardeal Moreno no salão amarello, o patriarcha das Indias no gabinete azul; e as pessoas do serviço da côrte descançavam por differentes salas em *fauteils* e *divans.*»

Verdadeiro acampamento assestado con-

tra a invasão da morte. Ao menor gemido, despertavam os defensores d'aquella vida preciosa. A batalha era de lagrimas e orações. Combatia-se pedindo; luctava-se chorando.

Começou a declinar a tarde, e o estado da rainha pareceu tornar-se grave. Correu no acampamento a voz de alarme. Acudiu cada soldado ao seu posto. A gravidade dos symptomas denunciou que era aquella uma lucta a todo o transe. A cada passo que a morte dava para o leito oppunha-se-lhe uma barreira de lagrimas, uma muralha de orações.

Um raio de sol poente doirava a camara real, animava muito a furto o perfil das estatuetas, e dos retratos. Affigurava-se que tudo tinha olhos para vêr, mas com um olhar nublado, afogado em lagrimas. Uma photographia de Mercedes, voltada para o leito, parecia chorar a sorte d'aquella noiva desventurosa, tão outra, tão demudada, que se não conhecia a si propria....

Era aquelle o dia de S. João, o dia das trovas, dos risos, dos vaticinios amorosos. Esse raio de sol era, portanto, como que um pensamento de amor que penetrava a medo na camara de uma noiva moribunda.

Como se a morte estivesse esperando pela noite para atacar melhor, o estado da rainha peiorava á medida que as horas pas-

savam. Vem, combatente traiçoeiro, pela calada da noite, pé ante pé, imprime o teu beijo de gêlo na fronte de uma pobre mulher, que tu prostraste no leito. Fére, mata, sê impiedosa á vontade, mas sabe que não entras despercebida, ó morte. Ha muitos olhos a espionarem-te nas trevas, muitos corações a adivinharem-te no silencio. O leão de Florença foi mais clemente do que tu: mostraram-lhe uma creança, e deteve-se. Aqui tens tambem uma creança, dezoito annos apenas, e não páras, e não te movem orações, e não te entristecem as lagrimas!

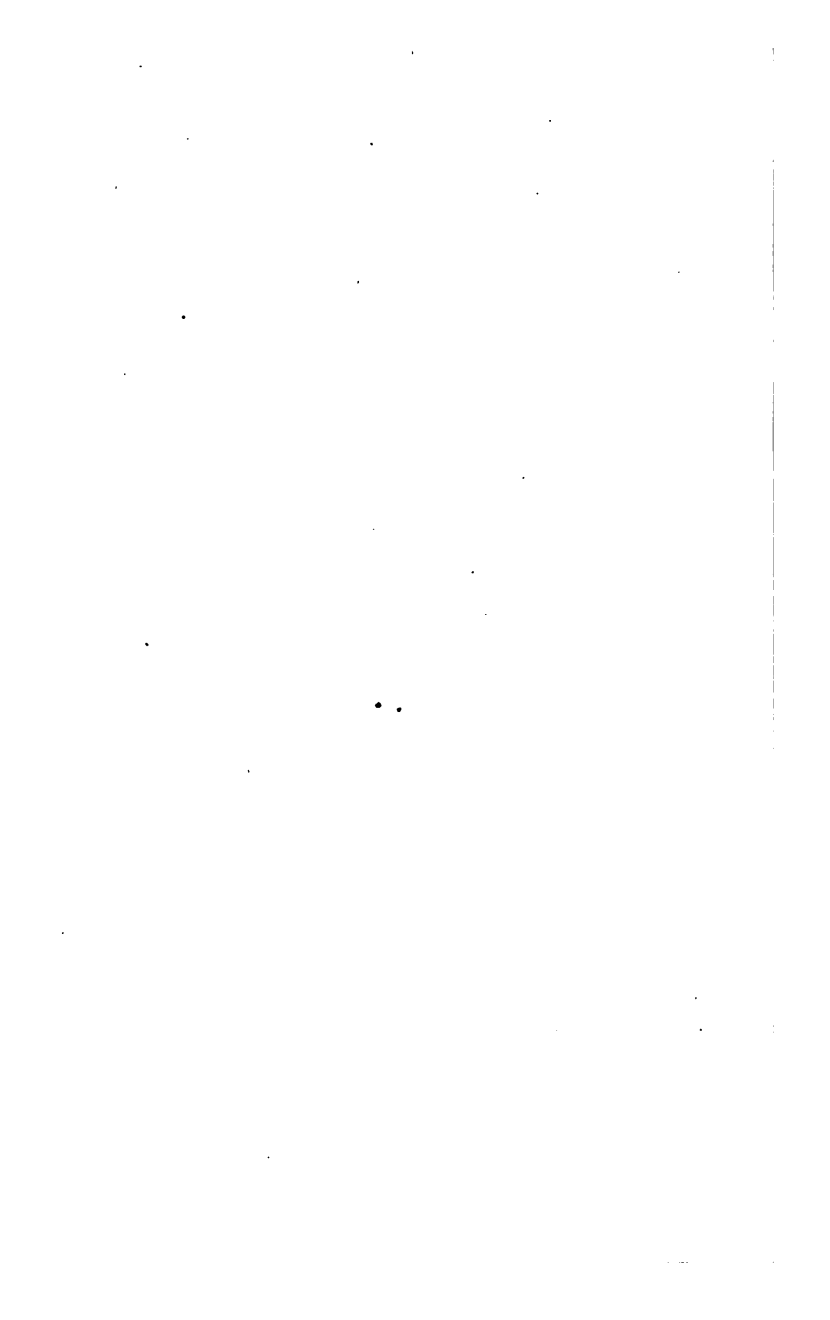
Nos botiquins, cheios de gente até hora muito avançada da noite, porque a anciedade era geral, a noticia de que o perigo augmentára, deixára todos assombrados. Um povo essencialmente poeta, como o de Hespanha, não póde ver morrer uma noiva com olhos enxutos. Madrid chorava áquella hora.

No palacio real, emquanto o conselho de ministros reunia para deliberar em tão grave conjunctura, o patriarcha das Indias ministrava a santa uncção á moribunda, e, fallando-lhe de Deus, perguntava-lhe se lhe custava morrer: *Si, por Alfonso e por mis queridos padres,* respondia a rainha. E havia apenas cinco mezes que aquella mesma voz solemne saudava a noiva, e na noi-

va a rainha, na grande bazilica da Atocha, cheia de flores, de canticos, de scintillações...

A hora extrema pareceu chegada. Os medicos desalentaram. D. Affonso participava pelo telegrapho a seus pais que a vida da rainha se julgava perdida; os duques de Montpensier faziam igual participação aos condes de Paris.

A doente parecia querer luctar contra a escuridão que lhe obumbrava o cerebro. Aproveitava os raros instantes de lucidez para achegar a si a cabeça do rei, para lhe beijar a mão.

E todavia já não podia fallar.

MORTA!

XII

MORTA!

Foi demorada, longa, a agonia da rainha. Os laços que a prendiam ao mundo eram tão recentes, que foi preciso um grande esforço da morte para os fazer estalar. Alem do que, não se vence facilmente o combate travado com um exercito de affectos. O amor defende-se até á ultima barricada. E os duques de Montpensier, que eram paes, estavam alli, á beira do leito, firmes como sentinellas vigilantes; e D. Affonso XII, que era esposo, estava alli tambem, immobilisado na estupefacção das grandes dôres, tendo a mão direita poisada sobre a fronte da moribunda. As irmãs do rei e da rainha faziam

das suas lagrimas uma como ultima defeza. Quadro verdadeiramente grandioso em sua melancolica e commovente sublimidade!

Alvoreceu no céo de Hespanha a manhã do dia 26 de junho. Estava escripto, no livro dos destinos humanos, que fosse aquelle o ultimo dia da rainha. Poucas horas poderia viver ainda, segundo o prognostico dos medicos. Então o amor teve de se confessar vencido perante a morte. A esperança na sciencia fugiu; veio substituil-a a esperança na misericordia de Deus.

A familia real orava de joelhos, n'um recolhimento profundo, solemne. Só o rei não podia orar: a dôr paralysara-lhe a intelligencia e embargára-lhe a voz. Conservou-se de pé, pallido e firme como uma estatua, junto ao leito da rainha. Não houve pedidos, instancias, que conseguissem arrancal-o d'alli. Dir-se-hia que o rei desejava que a morte, ao vibrar o golpe decisivo, se enganasse na victima, e o prostrasse a elle...

Entretanto a manhã ia seguindo o seu curso, se bem que no interior do palacio real a manhã d'aquelle dia não fosse mais do que a continuação de uma noite de horrores.

No vestibulo e nas galerias, enxameava

silenciosamente um enorme concurso de pessoas, que desejavam informar-se do estado da rainha. E as que alli faltavam, tinham sido attrahidas aos templos pela voz plangente dos campanarios.

Aproximou-se o meio dia, e a vida da rainha declinava rapidamente. Mais um quarto de hora passado, e a rainha expirou. Então o rei pareceu acordar de subito, agitado por uma commoção horrivel. Poisou na fronte pallida de Mercedes o derradeiro beijo, e tirou-lhe do dedo, com uma verdadeira delicadeza de noivo, o annel nupcial, que para sempre o ligará áquelle formoso cadaver.

Todas as pessoas da côrte o rodeiaram, e piedosamente o obrigaram a sahir d'alli. O rei deixou-se ir, como um authomato. Entrando nos seus aposentos, mandou chamar o presidente do conselho de ministros, com quem se demorou conferenciando largamente.

A esse tempo, o canhão annunciava á capital das Hespanhas que a rainha Maria de las Mercedes era um cadaver.

O telegrapho communicava para França, á avó e aos paes do rei, a triste noticia: «Roga a Deus pela alma da minha Mercedes, que está no céo. Teu afflictissimo, *Affonso*».

Depois de conferenciar com Canovas

del Castillo, o rei quizera ficar só; as pessoas que de perto o vigiavam ouviam-n'o dizer: «Pobre Mercedes! que rapida felicidade foi a nossa!»

Era ainda um dialogo com a rainha atravez do invisivel; as duas almas viam-se e fallavam-se, tão distantes uma da outra!

O cadaver da rainha permaneceu na mesma camara em que ella tinha expirado: alli havia nascido o rei Affonso, vinte annos antes. Amortalharam-n'a com o habito de Nossa Senhora das Mercês, como pedira. Para o triste noivado da sepultura não quiz a rainha outras galas. As damas de honor fizeram guarda ao cadaver, durante a tarde e a noite. Eram as mesmas que a tinham acompanhado á bazilica da Atocha, no dia do casamento. Dir-se-ia que o cortejo das nobres damas só tivera tempo de mudar de vestido, e que n'um instante se haviam transmudado em lagrimas de luto as rosas do noivado.

Como que obedecendo a uma horrivel sina de familia, a rainha Maria de las Mercedes alli estava adormecida no somno eterno, ella, a formosa; sua irmã, a infanta D. Amalia, morrera em 1870, de enfermidade analoga, e seu irmão, o infante D. Fernando, baloiçado sobre o tu-

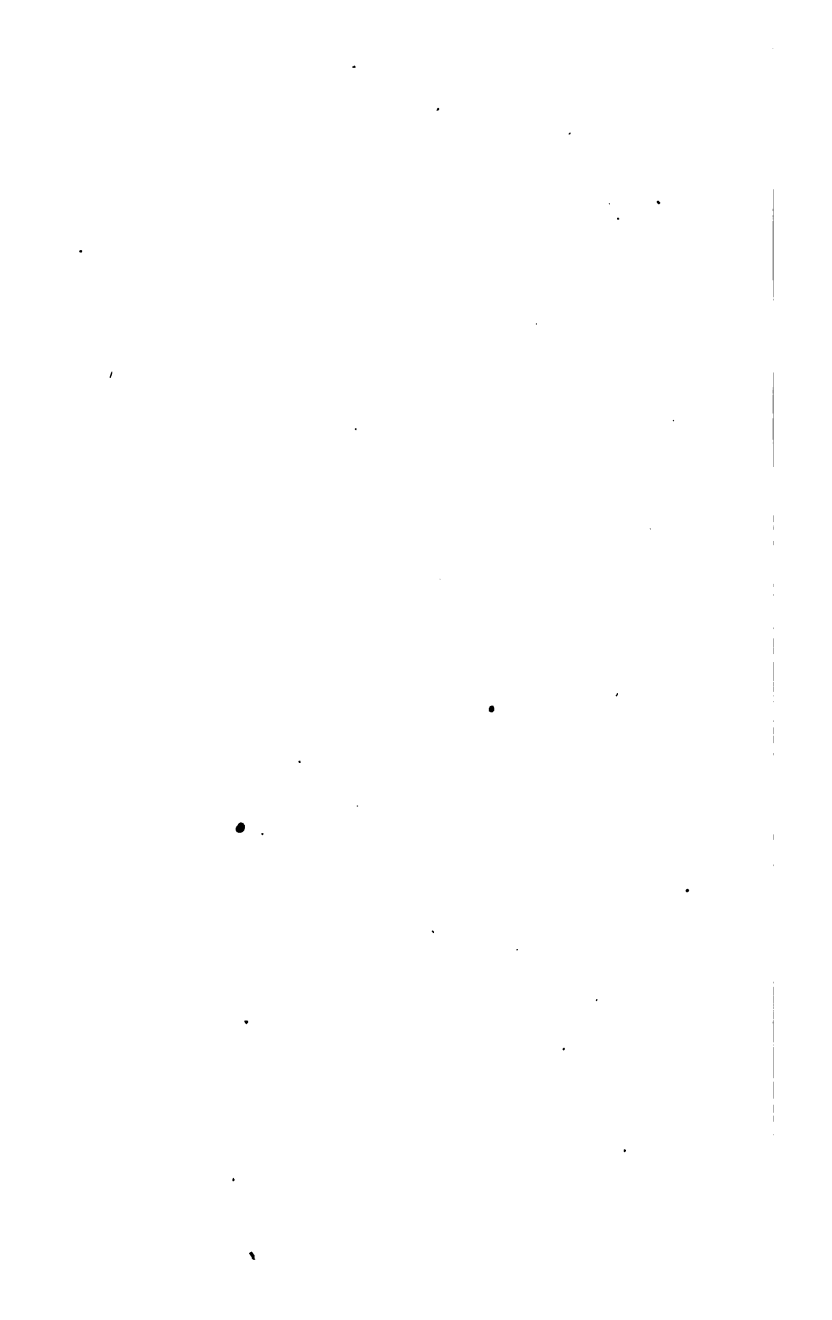
mulo por igual motivo, fallecera um anno depois. Um vendaval de morte parece esperar que a vida dos principes da casa de Montpensier seja chegada á efflorescencia da mocidade para os revessar impiedosamente ao mysterio da sepultura.

A's duas horas e meia da tarde d'esse mesmo dia, reuniu o congresso hespanhol na sala das suas sessões, sob a presidencia do snr. Ayala, que, depois de lida a communicação da morte da rainha, por um dos secretarios, historiou á camara, com as mais encantadoras tintas que a saudade sabe temperar, e como testimunha presencial, os pungentes episodios do passamento de Mercedes. O congresso escutou-o n'um silencio profundo, religioso.

A dôr que essa narração produziu em todos os animos conseguiu adormecer todas as paixões politicas. A identidade do sentimento irmanára os partidos n'essa hora dolorosa. O congresso, nomeando uma commissão que fosse apresentar á familia real a expressão da magua que essa perda irreparavel lhe causára, e resolvendo suspender os seus trabalhos, não fez mais do que interpretar a dôr profunda que salteára o coração da Hespanha.

O senado, que reuniu pouco depois, tomára identicas resoluções.

A' beira do leito funerario d'aquelle ca-

daver illustre não havia outros murmurios que não fossem os das orações ciciadas por todos os labios. O gigante da eloquencia parlamentar inclinára a fronte em lacrimosa mudez. A politica embainhára as armas de combate, e principiára a tecer a capella de rosas brancas que costuma engrinaldar a cabeça das noivas mortas. O throno de S. Fernando cobria-se de longos crépes. E sobre essa montanha de lucto, que a Hespanha inteira contemplava, elle, o moço rei, na solidão moral da sua dôr, seguia ainda com a vista embaciada de lagrimas a via lactea da saudade que a rainha, ao voar para regiões ignotas, deixára semeada de estrellas, como um traço luminoso das suas azas. Dil-o-ieis um velho chorando sobre ruinas. Ruinas do coração, que são as mais tristes de todas ellas.

O FUNERAL

XIII

O FUNERAL

O cadaver da rainha de Hespanha foi transportado, na manhã do dia 27, para o salão das Columnas. Depositaram-n'o sobre uma cama imperial, do tempo de Filippe v, ao meio do salão, e poseram-lhe entre as mãos um crucifixo de ambar.

Só a architectura da sala podia denunciar que estava alli a noiva do rei, tão simples era a decoração d'esse quadro funebre.

Cerca das sete horas entrou no salão a familia real para assistir a uma missa de corpo presente. Finda ella, abriram-se as portas de par em par, e Madrid invadiu a capella ardente.

Os grupos paravam á beira do feretro, soluçantes e lacrimosos. Se a rainha Mercedes podesse vêl-os e ouvil-os, morreria da alegria de vêr a Hespanha identificada com o throno. Que tu, ó bella Hespanha das tradições cavalheirescas, és como um grande oceano cujas ondas se encapellam chocando-se. Luctas comtigo mesma, Hespanha, e a ti mesma te dilaceras. És o pelicano das nações, o Saturno da Europa moderna. Se um braço poderoso conseguisse, por entre sorrisos de brandura, imprimir um movimento uniforme ás tuas correntes revoltas, tu serias completamente feliz. E esse braço bem poderia ser o de Mercedes, que nos paizes cavalleirosos como tu, faz mais o sorriso d'uma mulher do que a espada de um conquistador. Mas essa bella hespanhola que te podera salvar, não teve tempo siquer de principiar a sua grande obra de ternura. Eil-a morta, amortalhada como uma pobre freira que baixasse ás catacumbas do seu mosteiro.

Depois das sete horas da manhã do dia seguinte, o cortejo funebre começou a desfilar pela praça do Oriente, *calle* de Bailen, e demais ruas de Madrid que conduzem á estação do caminho de ferro do norte.

O povo de capital das Hespanhas abria

respeitosamente longas álas para deixar passar esse prestito da morte. Um piquete de cavallaria, que o precedia, encontrava passagem franca. Um respeito profundo continha as impaciencias da multidão tão frequente n'estes lances.

Empós, uma banda marcial derramava sobre Madrid as notas plangentes de uma marcha funebre. A musica, como quasi sempre acontece, traduzia em todas as almas quanto ellas sentiam n'essa hora. E pela effusão das lagrimas, que era geral, via-se que em todas as almas pungia a mesma dôr.

Seguiam-se os timbaleiros e cornetins das regias cavallariças, e os respectivos criados, e empregados, de grandes fardas, e fumo no braço; os cavallos de passeio da rainha, roçagando crépes; os cavallos de estado; o estandarte da real irmandade; a cruz da capella real; capellães, musicos e cantores; gentis-homens e officiaes-móres, oito grandes de Hespanha, duques de Sexto e de Uceda, marquezes de Salamanca, de Benemejis, de Malpica, de Valdegrana, de Monistrol, o conde de Guaque; batedores, correios das cavallariças reaes, e, finalmente, tirado por quatro parelhas de cavallos negros, o coche funebre, ladeado pelo capitão-general de Madrid, Primo de Rivera, e seguido pelo

marquez de Santa Cruz, mordomo-mór da rainha, pelo notario-mór do reino e ministro da justiça, Calderon Collantes, pelo patriarcha das Indias. Este coche da morte, rodando vagarosamente, era recebido pelas lagrimas da multidão, cuja commoção subia de ponto, quando os olhos cahiam involuntariamente sobre o coche rico do rei, tirado por oito cavallos brancos, o mesmo coche que cinco mezes antes conduzia no regresso da Atocha o par enamorado atravez de uma chuva de flôres.

O corpo de alabardeiros, de uniformes resplendentes, a pittoresca guarda real, de elmos scintillantes, e uma força de cavallaria fechavam o derradeiro cortejo d'essa noiva mallograda.

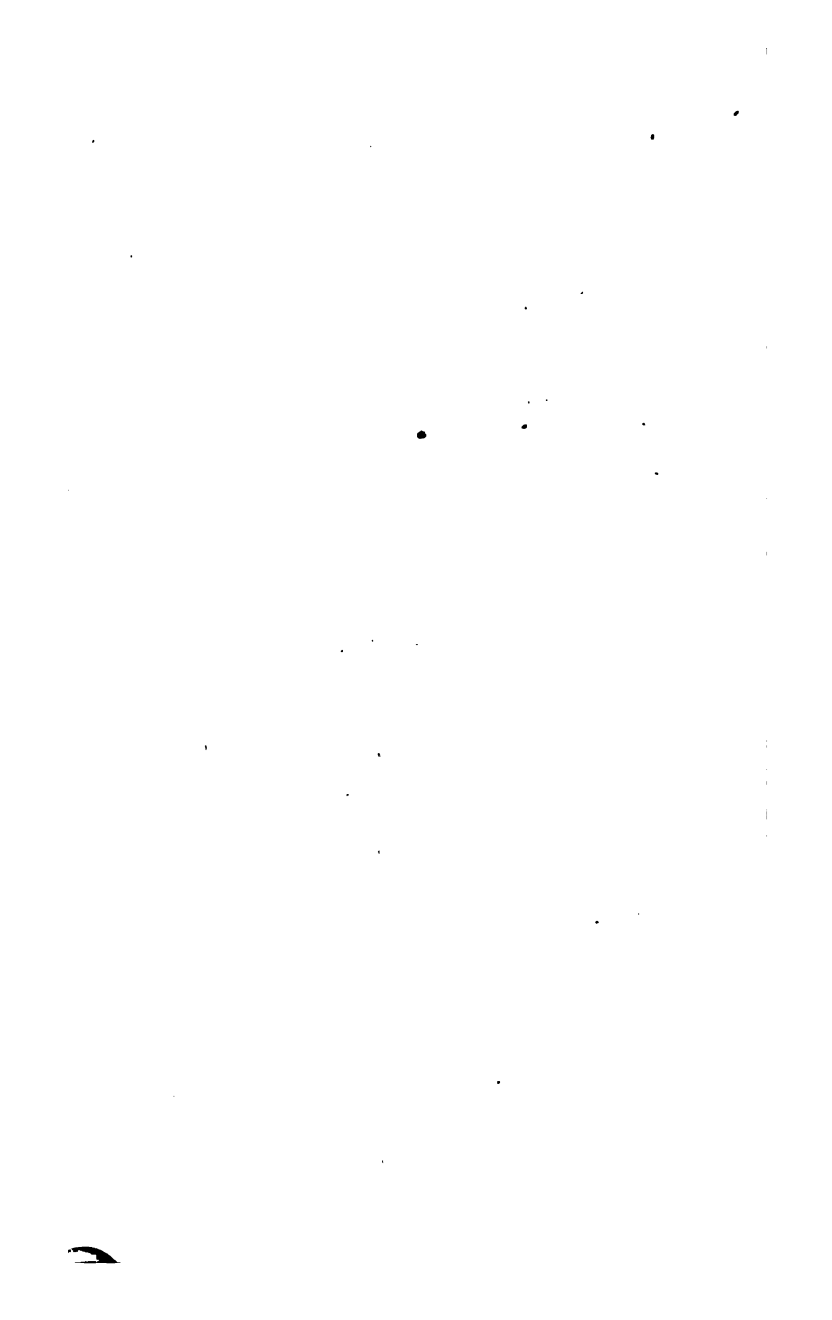
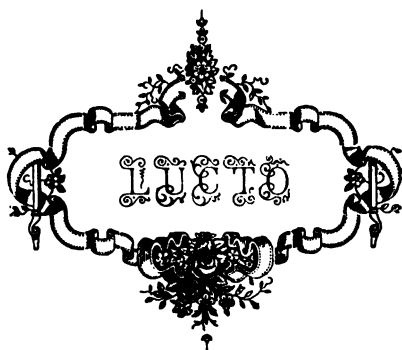
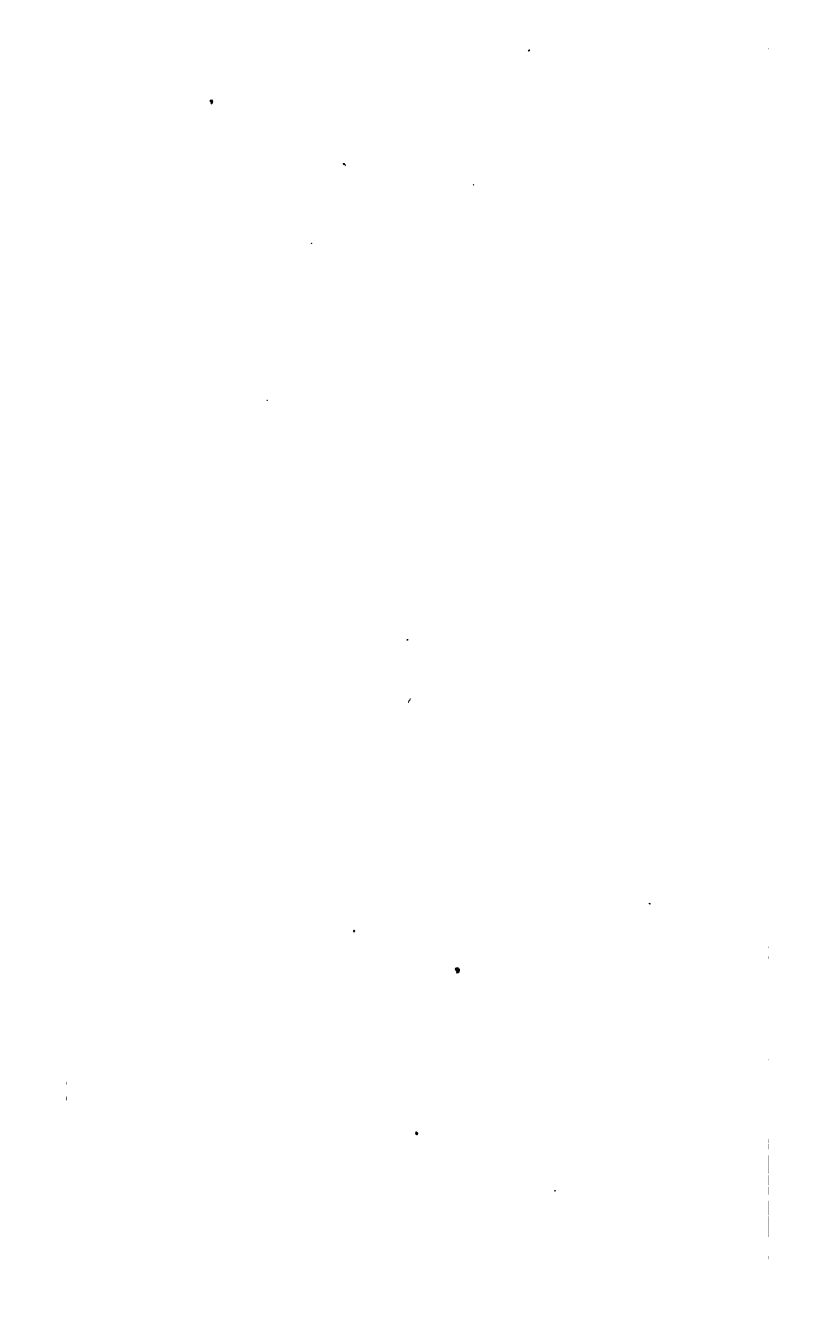
No Escurial preparou-se dentro em poucos dias, pouco mais de um mez, o panthéon provisorio que devia receber as cinzas mortaes da rainha.

Encantadora simplicidade a d'esse tumulo!

Seis columnas de marmore branco sustentam o sarcophago, em cujas faces foram insculpidas sentenças biblicas, que relembram o passamento prematuro da rainha. Este singelo monumento occupa a primeira capella do corpo central da egreja, á esquerda do altar-mór, e junto á parede interior. Sobre o altar da capella,

uma tela notavel, attribuida a Zurbaran, representa a imagem de Nossa Senhora das Mercedes. Defronte d'este quadro, encimando quatro grandes sustentaculos de prata, relevam as corôas que outr'ora ornavam o sumptuoso tumulo de S. Francisco, o Grande.

Tal é, no vasto e sombrio templo do Escurial, a camara mortuaria da noiva do rei de Hespanha.

Poucos dias transcorridos após o funeral, D. Affonso XII sahiu de Madrid. Seguiu o mesmo caminho que o feretro da rainha percorrera. Um rastro de lagrimas o guiava para o Escurial. E um discreto segredo guarda ainda hoje a confidencia das angustias do rei n'essa primeira entrevista, depois da morte, com a dôce companheira do seu ninho de amor.

LUCTO

XIV

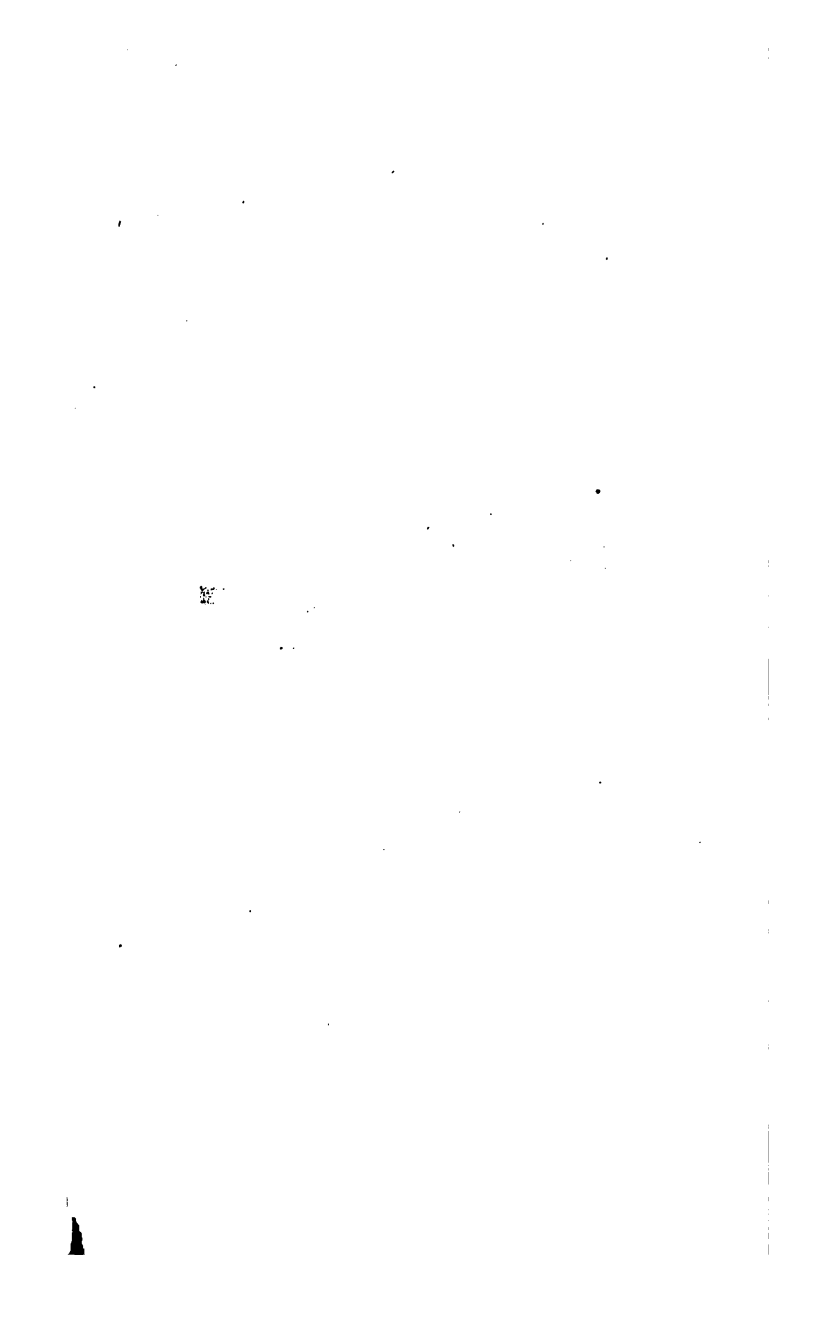
LUCTO

Episodio encantador:

«Um cego, de apparencia decente, — contáram os jornaes, — costuma postar-se todos os dias na Porta do Sol, em Madrid, tocando flauta e permanecendo descoberto, mesmo nas estações mais rigorosas.

«Assim que circulou em Madrid a noticia do fallecimento de sua magestade a rainha D. Mercedes, o pobre cego envolveu a flauta n'um pedaço de *gaze* preta, e foi collocar-se no mesmo sitio, sem tocar.

«Nem por isso foi menos farta a colheita das esmolas. A caridade publica soube comprehender e recompensar aquella commovente delicadeza.»

*

VIUVEZ

XV

VIUVEZ

Quando ao sol-pôr, n'uma suave tarde de primavera, nos vamos sentar, profundamente melancolicos, sobre o fraguedo que domina o horizonte, onde os longinquos resplendores do occaso fazem lembrar os reflexos de um palacio aereo illuminado para um sarau cavalheiresco, o nosso olhar tem o condão de não vêr atravez do florido scenario da natureza e do fundo auriluzente do céo mais que o ideial da sua melancolia.

Assim tambem o rei Affonso, atravessando com o seu pensamento maguado as festas ante-nupciaes do archiduque Frederico de Austria, o companheiro querido de

collegio, só tinha presente a imagem saudosa de Mercedes, a solidão immensa da sua viuvez inconsolavel.

Por isso escrevia:

Meu querido Frederico.

« A rainha Mercedes morreu. Que Deus te conceda no matrimonio a felicidade que me negou. Nas tuas proximas horas de felicidade, recorda-te das horas de martyrio e de dôr que estou soffrendo.

Affonso. »

Dôr profunda, que uma mulher, tambem rainha, e tambem viuva, comprehendia chorando. A rainha Victoria enviava ao rei de Hespanha estas eloquentes palavras:

« O meu coração está profundamente ferido pela vossa desdita, meu querido irmão. Que espantosa desgraça quiz Deus enviar-vos! Que Elle vos dê a força necessaria para supportar tão terrivel perda.»

A BAZILICA

XVI

A BAZILICA

N'uma deliciosa novella de Octavio Feuillet, que toda a gente conhece, *Le roman d'un jeune homme pauvre,* avulta, entre outras, uma nobre figura de velha fidalga, a snr.ª Porhoet, que, atravez dos gêlos dos seus oitenta annos, entrevê os caprichos architectonicos d'uma sonhada cathedral, em cuja edificação consumirá os fabulosos haveres a que se habilita por um antigo pleito.

Ha uma doce poesia religiosa n'esta veneranda figura de mulher, em cujos sonhos se lhe entremostra a esplendida cathe-

dral, arremessando para o azul os seus corucheos phantasticos, as suas agulhas floreadas, que se enlabyrintham n'uma aerea floresta de marmore.

Esté templo que a pouco e pouco se vai erguendo na sua phantasia senil, porque todos os dias a snr.ª Porhoet modifica a direcção de uma linha, a architectura das longas naves magestosas, os finos labores dos ornatos, resume todo o seu pensamento, é a sua ideia fixa, a sua vida.

Similhantemente á snr.ª Porhoet, o moço rei de Hespanha principiou a planear, na solidão da sua alma, uma bazilica não menos grandiosa, cujo phantasioso zimborio cobrisse ao mesmo tempo o altar de Nossa Senhora e o sarcophago definitivo de Mercedes.

N'esse vasto templo, sonhado pelo rei de Hespanha, o amor e a saudade entralaçarão os longos cordões de pedra que formarão as columnas, tecerão as formosas rendas de marmore que se recortarão em ondulações caprichosas, elles ambos architectarão as abobadas, levantarão os altares, guardarão, como dois anjos lacrimosos, o cinerario de Mercedes.

Será esse o mais formoso poema que a saudade concebeu até hoje; poder-se-ha chamar á projectada bazilica de Santa Ma-

ria de Almodena o templo christão do amor, como a Batalha é o templo christão da victoria.

O vento ao perpassar pelas flechas da bazilica suspirará elegias á bella rainha que alli dorme, sob as azas de Maria; e o sol, o sol formoso da peninsula, procurará reanimar, com os seus beijos de luz, o cadaver da noiva mallograda.

Todos os annos sahirá da lista civil um milhão de reales para a edificação do templo grandioso. Annualmente, o duque de Montpensier e a princeza das Asturias auxiliarão com duzentos mil reales cada um a realisação d'esse religioso sonho do rei. Os diamantes e joias existentes na egreja da Atocha, que pertencem á mãe de Affonso XII, foram por ella cedidos, a pedido do filho, em favor do esplendido monumento projectado. A carta de cedencia diz assim:

«Filho da minha vida. Acabo de abraçar o duque de Montpensier, que me entregou as tuas cartas. Vendo-as, vejo que como rei catholico e como gentilhomem sentes as tuas dôres e pensas em Mercedes, refugiando-te em Deus, e querendo fazer bem á tua capital; queres sobretudo

depôr aquelles restos queridos aos pés da Virgem, n'um grandioso templo.

«A tua mãe, meu filho, não só consente que as joias da Atocha sejam vendidas, mas ainda te abençôa, e se associa ao teu projecto digno de um rei, de um christão, e de um bom esposo.

«Para isto como para tudo o mais conta sempre, Affonso, com o immenso amor, e com a cooperação de tua mãe, que deseja tornar bem conhecido que de longe é e será sempre a mesma para Madrid, para a Hespanha, e para o seu rei.

«Recebe mil beijos, bem como os filhos da minha alma, e para todos vós a benção da tua affectuosa mãe

Izabel.»

Será, pois, a bazilica de Santa Maria de Almodena, levantada sobre columnas de lagrimas e de diamantes, um novo e maravilhoso templo de Salomão, cujos esplendores deslumbrarão a phantasia dos artistas e dos poetas. Mais feliz do que a velha snr.ª Porhoet, o moço rei de Hespanha logrará ver realisado o seu ideal. E esta bazilica assombrosa será, para assim dizer,

a ultima pagina do melancolico romance da rainha Mercedes. A arte escreverá a palavra final n'este grande poema que o amor concebeu e que a saudade rociou de uma dôce chuva de lagrimas.

FIM